



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

TAGUS KUMBU UMBA

**A PROJEÇÃO CHINESA NA AFRICA SUBSAARIANA: SITUAÇÃO DA
REPUBLICA DEMOCRATICA DO CONGO**

FLORIANÓPOLIS
2016

TAGUS KUMBU UMBA

**A PROJEÇÃO CHINESA NA AFRICA SUBSAARIANA: SITUAÇÃO DA
REPUBLICA DEMOCRATICA DO CONGO**

Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel no curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Hoyêdo Nunes Lins

FLORIANOPOLIS

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 ao aluno **Tagus Kumbu Umba** na disciplina CNM 7107 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins

Prof. Dr. Valdir Alvim da Silva

Prof. .Dr. Fabio Pádua dos Santos

TAGUS KUMBU UMBA

A PROJEÇÃO CHINESA NA AFRICA SUBSAARIANA: SITUAÇÃO DA REPUBLICA DEMOCRATICA DO CONGO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia, do Departamento de Economia, do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins
Departamento de Economia - UFSC
Orientador

Prof. Dr. Valdir Alvim da Silva
Departamento de Economia - UFSC
1º Examinador

Prof. Dr. Fabio Pádua dos Santos
Departamento de Economia - UFSC
2º Examinador

Florianópolis, 2016.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esse momento tão importante na minha vida

A meus pais por sempre estar ao meu lado quando mais precisei.

A meu orientador pela a sua disposição para poder me orientar.

A meus colegas pela força que me deram.

“Ninguém é tão sábio que não tenha algo para aprender e nem tão tolo que não tenha algo pra ensinar”.

(Blaise Pascal)

RESUMO

Este trabalho trata das características e implicações da projeção Chinesa na África Subsaariana. A pesquisa é sobre a República Democrática do Congo (RDC), mostrando como a China vem atuando naquele país, motivada pela existência de importantes recursos. O objetivo maior é descrever e discutir a presença da China na África subsaariana, no século XXI, destacando a situação da República Democrática do Congo. O Congo tem sido reconhecido como um dos países mais ricos em minério do planeta. Possui reservas substanciais de cobre, cobalto, cádmio, petróleo, diamantes, ouro, prata, zinco, manganês, estanho (cassiterita), coltan. Em relação aos recursos naturais da República Democrática do Congo, importa que o potencial de ouro do país é quase inexplorado, enquanto a abundância de diamantes é pouco controlada. Metodologicamente tipo de pesquisa mais adequada seria a exploratória com coleta de dados a partir de fontes bibliográficas ligados a conceitos e fundamentos teóricos que dão suporte ao problema proposto. Concluiu-se que, a China está em franco crescimento e dependente de matéria prima, o RDC tem dificuldades econômicas, precisa de aporte financeiro e possui matéria prima em abundância. Esses fatores levaram a China e RDC efetivarem um acordo de cooperação. A China se comprometeu a investir na região, em contrapartida congoleza deixar explorar suas riquezas. Contudo, verifica-se que mesmo com a enormidade do investimento chinês frente à mineração no Congo, existe uma enorme pobreza da população.

Palavras-chave: China. África. RDC

ABSTRACT

The objective of this research is to describe and discuss China's presence in sub-Saharan Africa in the 21st century, highlighting the situation of the Democratic Republic of Congo (DRC). The research focuses on how China has been projecting and operating in that country, motivated by the existence of important natural resources. The Democratic Republic of Congo has been recognized as one of the world's richest countries in natural resources, with substantial reserves of copper, cobalt, cadmium, petroleum, diamonds, gold, silver, zinc, manganese, tin (cassiterite) and coltan. The country's gold potential is almost unexplored, while the abundance of diamonds is poorly controlled. Methodologically, this type of research can be described as exploratory with data collection from bibliographic sources linked to concepts and theoretical foundations that support the proposed subject. It has been concluded that China is in full growth and depends on raw material, the DRC has economic difficulties, needs financial support and has abundant raw material. These factors led China and DRC to enter into a cooperation agreement. China has pledged to invest in the region, while Congolese counterpart will explore its wealth. However, even with the enormity of Chinese investment in mining in DRC, there is enormous poverty in the population.

Key words: China. Africa. The Democratic Republic of Congo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Continente africano	22
Figura 2 - República Democrática do Congo	23
Figura 3 - Matérias primas do RDC	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Exportação de diamantes do Congo de 1965 a 1997.....	38
Gráfico 2 - Exportação de Diamante Congolês de 2003-2012 (em Toneladas)	40
Gráfico 3 - Produção do cobre no RDC de 2003-2012 (em toneladas).....	43
Gráfico 4 - Produção e exportação de zinco no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas).....	47
Gráfico 5 - Evolução das importações provenientes da África para países selecionados – 1999-2008 (Em US\$ milhões correntes).....	53
Gráfico 6 - Evolução das exportações para a África de países selecionados – 1999-2008 (Em US\$ milhões correntes).....	53
Gráfico 7 - Fluxos de investimentos chineses na África (Em US\$ milhões correntes).....	54
Gráfico 8 - Comércio sino-africano em bilhões de dólares entre 2000 e 2009.....	55
Gráfico 9 - Transações comerciais entre a China e o continente Africano, em 2009.....	56
Gráfico 10 - Importações da China de países africanos em 2009 (% por produtos).....	57
Gráfico 11 - Exportações da China para a África em 2009 (% por produtos).....	58
Gráfico 12 - Exportações e importações realizadas entre a China e países da África em 2009 (US\$ em bilhões)	59
Gráfico 13: Os principais destinos de exportação do RDC (2014)	68
Gráfico 14: RDC exporta para China em 2014.....	69
Gráfico 15: RDC importa da China em 2014.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais minérios da RDC e suas devidas províncias	33
Quadro 2 - Principais reservas geológicas de substâncias minerais da RDC	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Taxa de crescimento do PIB da RDC.....	35
Tabela 2 - Contribuição para a atividade econômica, por setor (%).....	36
Tabela 3 - Tabela da produção dos minérios desde 2006	36
Tabela 4 - Exportação de Diamente Congolês de 2003-2012 (em Quilate)	39
Tabela 5 - Indústria do ouro no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)	41
Tabela 6 - Produção de cobre de 2003 a 2012 (em toneladas)	42
Tabela 7 - Produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)	44
Tabela 8 - Produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)	45
Tabela 9 - Produção de zinco no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)	46
Tabela 10 - Pauta de importação da China oriunda da África – 1995-2009 (Em %) .	51
Tabela 11 - Cinco principais parceiros comerciais da China na África.....	59
Tabela 12 - Ajuda chinesa em empréstimos para a RDC (orçamento de 2010)	66
Tabela 13 - Calendário liberação US\$ 3 bilhões acordo Congo-China (2009-2012).	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo geral	16
1.1.2	Objetivos específicos	16
1.2	JUSTIFICATIVA	17
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	18
1.4	ESTRUTURA DA MONOGRAFIA	19
2	REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: UMA NOTA SOBRE A TRAJETÓRIA DESDE O PERÍODO COLONIAL	21
2.1	PERÍODO DO REI LEOPOLDO II NO CONGO (1885-1909)	24
2.2	PERÍODO DO CONGO BELGA (1908-1960)	25
2.3	INSTABILIDADE POLITICA NO PÓS-INDEPENDÊNCIA	26
3	A ECONOMIA EM QUESTÃO: ALGUNS ASPECTOS	32
3.1	TRAJETÓRIA DA ECONOMIA NO SÉCULO XXI	34
3.1.1	Produção e exportação de substâncias minerais (2003 - 2012)	37
3.1.1.1	Indústria de diamantes	37
3.1.1.2	indústria do ouro	40
3.1.1.3	indústria de metais não ferrosos	41
4	PANO DE FUNDO PARA A ABORDAGEM DA PRESENÇA CHINESA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: A PROJEÇÃO DA CHINA NA ÁFRICA SUBSAARIANA	48
4.1	UMA NOTA SOBRE O CAMPO POLÍTICO DA PROJEÇÃO CHINESA NA ÁFRICA	48
4.1.1	A Conferência de Bandung	48
4.1.2	Os três encontros China x Africa	49

4.2	A PRESENÇA DA CHINA NA ÁFRICA: FOCO NA ECONOMIA, COM ÊNFASE NO COMÉRCIO	50
5	A PRESENÇA CHINESA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO.....	60
5.1	A ASSINATURA DO ACORDO CHINA-RDC	62
5.2	AÇÕES CHINESAS NA RDC	64
5.3	RDC – COMÉRCIO EXTERIOR COM CHINA	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
7	REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das características e implicações da projeção Chinesa na África Subsaariana. A expressão África Subsaariana deriva da importância do Deserto do Saara, que separa o continente em duas grandes partes. Ao norte, há uma área de terras férteis, que são banhadas pelo Mar Mediterrâneo e contam com determinado período de chuvas. O Saara ocupa todo o restante do Norte do continente, com uma área total maior do que a do Brasil (9 milhões de quilômetros quadrados). Ao Sul, tem uma grande floresta tropical que contrasta com o Saara, onde se desenvolveram as culturas negro-africanas, enquanto ao Norte do deserto, na faixa mediterrânea, viveram povos de origem africana misturados com migrantes de outras áreas. O Rio Nilo constituiu, por milênios, a única via de comunicação entre essas duas áreas do continente africano (LAROUSSE, 2010).

A pesquisa é sobre a República Democrática do Congo (RDC), mostrando como a China vem atuando naquele país, motivada pela existência de importantes recursos.

O início do século XXI ficou marcado pela expansão econômica chinesa na África. O principal motivo da presença Chinesa no continente Africano é buscar e controlar fontes de matérias-primas; encontrar regiões e situações para investimentos; novos mercados de matérias-primas; novos mercados para escoar os artigos da sua indústria, que se desenvolve impetuosamente. Com isso, o continente africano torna-se um lugar atraente para a China incrementar a sua indústria, seja com os recursos naturais explorados na África, sendo este continente rico em recursos naturais. Ou, tendo a África como mais um novo mercado para escoar seus produtos, apesar de ter uma população de 1,3 bilhão de pessoas. O princípio da política externa chinesa na África apresenta-se pela não ingerência nos seus assuntos internos. A China se posiciona contrária aos países ocidentais que sempre ligaram sua ajuda à África mediante algumas condições obrigatórias. Por exemplo, Angola pediu um empréstimo ao FMI em 2004, e o organismo exigia mudanças na política e posicionamentos diversos frente aos direitos humanos (MENEZES, 2013).

A política externa Chinesa foi marcada por várias mudanças internas, que tiveram início no final da década de 1970. Nessa época, quem estava no comando da China era Deng Xiaoping, que implantou um programa nacional objetivando

modernizar a agricultura, indústria, defesa nacional, ciência e tecnologia. Desde então, todos os governos chineses trabalharam para promover o crescimento econômico do país, para os mesmos terem uma economia forte e, para atingir alto nível de desenvolvimento do povo Chinês e ter maior segurança em longo prazo. Essas medidas de desenvolvimento da economia tiveram muito sucesso, já que o crescimento médio se manteve por volta de 9% em duas décadas (RYDYSK, 2010).

Três décadas de forte crescimento econômico, aliadas à rápida urbanização e a mudanças nos padrões de consumo, fizeram com que a China trocasse o posto de maior exportador de petróleo do Leste Asiático, posição que ostentava em meados da década de 1980, para o de terceiro maior importador mundial do produto, atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão, devendo ultrapassar este último em pouco tempo. A sede chinesa por recursos naturais não ficou, todavia, restrita ao petróleo: entre 1990 e 2005, a participação combinada da China no consumo mundial de alumínio, cobre, níquel e minério de ferro saltou de 7% para mais de 20% (JIANHAI; ZWEIG, 2005).

Financiadores não tradicionais, China, Índia, Japão, estão assumindo importantes compromissos de investimento nas infraestruturas da África Subariana, contribuindo para preencher as necessidades estimadas em 22 bilhões de dólares anuais, de acordo com a Comissão para a África. O financiamento de investimentos da China na África partiu de menos de 1 bilhão de dólares anuais (anteriormente a 2004), cresceu para mais de 7 bilhões em 2006, reduzindo para 4,5 bilhões em 2007. A China consignou 3,3 bilhões de dólares para dez projetos que podem incrementar a geração de energia hidroelétrica na África Subariana em 30% (ou 6.000 megawatts) de capacidade instalada. A China está financiando a reabilitação de 1.350 km de via-férrea e construindo 1.600 km de novas linhas na região, uma contribuição significativa para a rede total do continente que é de 50.000 km. (FINANCE, 2014).

Por muitas décadas o ocidente foi o único credor da África. Com esse monopólio ele exigia condições muito rígidas, com financiamentos muito difíceis, a conta-gotas. Hoje, com a chegada da China na África, a mesma ofertando financiamentos com condições mais humanas, já está mudando a situação da política econômica e financeira dos doadores ocidentais.

Como a República Democrática do Congo (RDC), hoje, é um dos países africanos que tem diversos acordos econômicos com a China, e também sendo o

país de origem do autor, o mesmo viu na elaboração da monografia uma oportunidade para enriquecer o seu conhecimento sobre a situação contemporânea do seu próprio país. Este fato representa justificativa suficiente para a escolha da RDC como objeto da pesquisa. Fazer o estudo na direção indicada requer adotar também uma perspectiva histórica sobre a RDC. Esse é outro aspecto que reforça a importância do assunto escolhido.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Descrever e discutir a presença da China na África subsaariana, no século XXI, destacando a situação da República Democrática do Congo.

1.1.2 Objetivos específicos

- Fazer-se uma abordagem sobre a Constituição da República Democrática do Congo e sua trajetória recente. Nesta parte busca-se entender um pouco da história da República Democrática do Congo desde sua independência em 1960 até hoje.
- Especifica-se a participação Chinesa na África, descrevendo encontros e algumas das participações mais significativas.
- Apresentar aspectos econômicos da presença chinesa na RDC.

1.2 JUSTIFICATIVA

As riquezas naturais da República Democrática do Congo sempre foram objeto de controle de ocidente. O Congo tem sido reconhecido como um dos países mais ricos em minério do planeta. Possui reservas substanciais de cobre, cobalto, cádmio, petróleo, diamantes, ouro, prata, zinco, manganês, estanho (cassiterita), coltan (VANDAELE, 2008).

Em relação aos recursos naturais da República Democrática do Congo, importa que o potencial de ouro do país é quase inexplorado, enquanto a abundância de diamantes é pouco controlada. Em 2006, a participação do país na produção mundial de diamantes industriais foi de 28%. No entanto, cumpre salientar que os números da produção de diamantes referem-se ao monopólio da empresa mineira de Bakwanga (MIBA). A Instabilidade interna faz com que números estatísticos das vendas dos minérios da RDC no mercado internacional sejam apenas estimativos, porque existem vários mercados ilegais, que o governo até então não consegue controlar (MINES, 2003).

Estima-se que a RDC tem capacidade de produzir industrialmente 80% dos diamantes e, 10% das reservas de cobre do mundo. Além disso, a produção de petróleo também é de extrema relevância para a economia do país (YAGER, 2008).

A extração de petróleo é controlada pela multinacional francesa Perenco desde 2004. Licenças de exploração foram garantidas a outras companhias, como a canadense HeritageOil, para prospectar recursos nas localidades de Ituri (nordeste do país), próximo à região belicosa de Kivu (HAVE; BURGE, 2003).

A grande quantidade de reservas hídricas, como o rio do Congo (o segundo maior em volume de água do mundo), produz uma perspectiva de produção de mais de 600 bilhões de quilowatts/hora anuais de energia. Isso leva a crer que a região às margens do rio do Congo pode vir a ser o centro da indústria pesada africana no futuro. Com os olhos nesse futuro, a importância atual do Congo situa-se principalmente por sua riqueza em “recursos da era digital”, como o Coltan e a Cassiterita, utilizados intensivamente na produção de aparelhos eletrônicos (celulares, DVD players, etc.) e chips de computadores (MITZ, 1996).

Empresas como Intel, Motorola, e Nokia utilizam esse recurso para produzir seus equipamentos, daí um exemplo considerável da importância estratégica desse

mineral. Outra forma de utilização do coltan é na indústria militar (fabricação de foguetes espaciais e de mísseis aéreos). O recurso é hoje em dia considerado mais valioso que o próprio ouro (GALEANO, 2001). A RDC possui 80% das reservas conhecidas de Coltan do planeta (MINES, 2003). Isso mostra realmente como a RDC está no centro de disputas entre os países que tem certo avanço na tecnologia, pois, quem controla esse espaço, pode controlar a fonte da tecnologia dos outros.

A Cassiterita é outro mineral vastamente encontrado na RDC. Sua função é primordial na extração de estanho, utilizado tanto para a fabricação de equipamento que utilizam circuitos integrados quanto para a produção de novos materiais “livres de chumbo”, atualmente muito visados por grandes indústrias mundiais. De fato, o próprio Japão (1999) e a União Europeia (2006) apresentaram diretivas à produção desses componentes que, por não utilizarem material venenoso (chumbo), serão, através de novas normas ambientais, altamente requisitados no futuro próximo. Segundo diversos analistas, grandes corporações terão de implantar programas que assegurem um fornecimento confiável desses materiais. Vale salientar que a importância desse material também é fundamental para o quadro de crescimento da indústria de semicondutores (SCHWEBER, 2004).

A escolha do tema, parte da observação por parte do autor, frente a posição do ocidente diante dos contratos do governo da Republica Democrática do Congo e do governo da China, sobre a exploração dos recursos naturais desse país africano, assunto de extrema relevância. Por muito tempo o ocidente foi o único explorador legal dos recursos naturais na Republica Democrática do Congo, com contratos que sempre o ocidente obtinha vantagens. Hoje, com a China na RDC, os contratos de financiamento são mais claros e acordos beneficiam os dois lados. Com a aproximação da RDC com a China, o ocidente se sente ameaçado de perder sua influência na economia local, que é um mercado bilionário. Por esse motivo, o ocidente faz de tudo para manter sua influência no país.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Ao tratar dos aspectos metodológicos da pesquisa foram levadas em conta as características essenciais do objeto de estudo e do núcleo científico que o cerca.

Apesar do objeto principal do trabalho ter um caráter muito amplo e multidisciplinar, no que tange ao seu valor científico, a pesquisa tomou como referência a Economia como ciência social e empírica, no seu tratamento de fatos e processos que necessitam de uma observação extensiva para confirmar suas conjecturas (GIL, 1991).

A escolha do instrumental metodológico está relacionada diretamente com o problema proposto pela pesquisa. De acordo com Lakatos (2003) é fundamental adequar os métodos e as técnicas utilizadas ao tema a ser estudado.

O trabalho foi desenvolvido por meio de discussões acerca da presença da China na África subsaariana, mostrando como a China está atuando no continente africano, por que a China tem interesse naquele continente, quais são os setores em que ela está atuando e o que a África ganha nessa aproximação. A partir deste ponto, o trabalho foca a presença Chinesa na República Democrática do Congo (RDC), tendo como alicerce artigos e livros referentes ao tema.

Devido ao fato do objeto principal deste trabalho ter sido até o momento pouco explorado e analisado em português, o tipo de pesquisa mais adequada seria a exploratória, baseada em fontes secundárias como livros, artigos publicados, dissertações, teses, relatórios, publicações, pesquisas e sítios eletrônicos especializados que abordam o tema específico e que são fontes características da pesquisa bibliográfica. Esta classificação está ligada à objetividade da pesquisa e tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 1991).

Os dados presentes neste trabalho foram extraídos de documentos que trazem algumas pesquisas sobre a presença da China na República Democrática do Congo, o que justifica a classificação quanto ao objetivo da pesquisa ser de caráter exploratório. Além disso, foram coletados dados a partir de fontes bibliográficas ligados a conceitos e fundamentos teóricos que dão suporte ao problema proposto.

1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Este trabalho encontra-se dividido em 5 capítulos, sendo o primeiro uma breve apresentação dos objetivos e dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 2, faz-se uma abordagem sobre a Constituição da República Democrática do Congo e sua trajetória recente. Nesta parte busca-se entender um pouco da história da República Democrática do Congo desde sua independência em 1960 até hoje, mostrando os acontecimentos que seguiram e que levaram o país a uma instabilidade política e econômica.

No capítulo 3, especifica-se a participação Chinesa na África, descrevendo encontros e algumas das participações mais significativas.

No capítulo 4, apresentam-se aspectos econômicos da presença chinesa na RDC, assinalando a economia e o comércio entre RDC e China.

No quinto e último capítulo apresentam-se algumas considerações finais sobre o tema.

2 REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: UMA NOTA SOBRE A TRAJETÓRIA DESDE O PERÍODO COLONIAL

A República Democrática do Congo (RDC) é um país da África central, também conhecido como Congo-Kinshasa. A RDC é o segundo maior país da África, com uma superfície de 2.345.410 km² depois da Argélia, com 2.384.000 km², é o quarto mais populoso com 77.433.744 habitantes, depois da Nigéria (177.155.754), Egito (88.198.791) e Etiópia (96.633.458). Ele tem uma das maiores áreas de floresta tropical do mundo. Várias centenas de grupos étnicos compõem sua população (CLEMENT, 2010).

O francês é a língua oficial e quatro línguas Bantu (Ki Kongo, Lingala, Tshiluba, Swahili) são as línguas nacionais. Além dessas quatro línguas nacionais, existem ainda mais de 250 dialetos falados entre várias etnias diferentes. Mas, a língua Lingala prevalece sobre as outras três, inclusive sobre os dialetos. É raro um congolês que não fala Lingala, mas é comum ver um congolês que não fala as outras três línguas nacionais. O país é limitado a oeste pelo Congo-Brazzaville, ao norte com a República Centro-Africana e Sudão do Sul, a leste com Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia e, ao sul com a Zâmbia e Angola (CLEMENT, 2010).

A área ocupada pela RDC pode ser observada na figura 1 a seguir, que ilustra o mapa da África.

Figura 1 - Continente africano

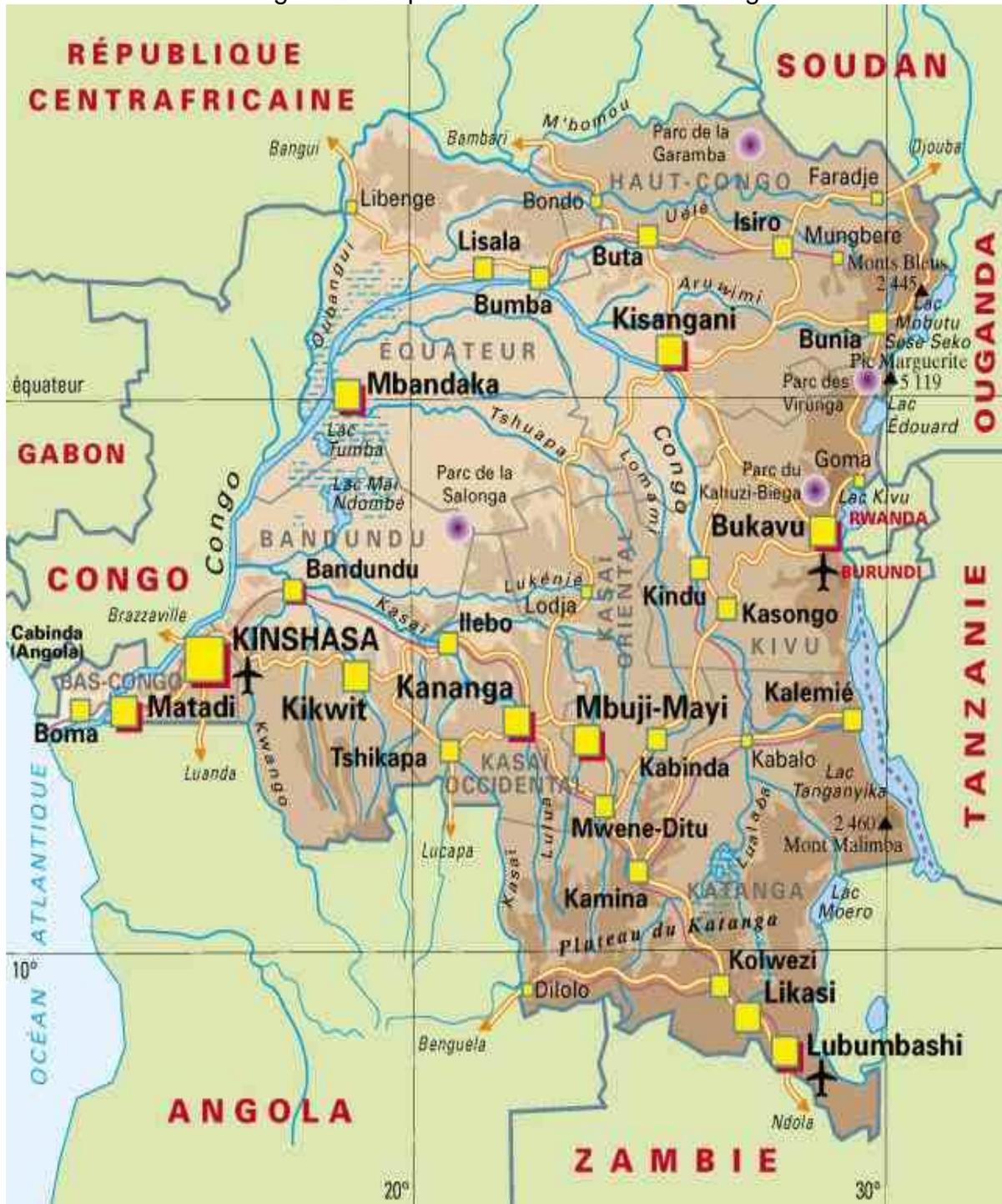


Fonte: Google (2016).

A República Democrática do Congo é uma república unitária, onde o pluralismo político é reconhecido. Todos os congoleses têm direito de criar partidos políticos ou aderir a um partido político de sua escolha. Os partidos políticos operam livremente as suas atividades em conformidade com a lei, a ordem pública e a moralidade. Os partidos políticos são obrigados a respeitar os princípios da democracia pluralista, a unidade e a soberania (MIRANDA, 2013).

As grandes cidades da República Democrática do Congo podem ser observadas na figura 2, ilustrado no mapa da República Democrática do Congo.

Figura 2 - República Democrática do Congo



Fonte: GOMASPERANCE (2016).

A história do país é sinuosa e crivada de grandes problemas. Para falar sobre isso deve-se recuar até, pelo menos, as últimas décadas do século XIX.

2.1 PERÍODO DO REI LEOPOLDO II NO CONGO (1885-1909)

Conforme Reader (2002) no final do século XIX, houve a colonização Belga no Congo por parte de Leopoldo II, proclamando “O Estado Livre do Congo” e tornando-se rei dessa região.

Sem nunca ter pisado no Congo, Leopoldo II estabeleceu as bases de uma ordem colonial que durou 75 anos. Ele criou em 1888, a Força Pública para proteger a obra da estrada de ferro do porto de Matadi para Leopoldville; esta linha de 400 km de comprimento foi aberta em 1898, que deu o início ao desenvolvimento de Leopoldville. O rei declarou que terrenos vagos devem ser considerados como pertencentes ao Estado (LOKONGO, 2016).

A fim de fazer a "sua" colônia e utilizar os recursos naturais, Leopoldo II teve apoio do exército de mercenários (belga, Togo, Mali, Senegal, etc.), missionários católicos, uma série de emissários e colonos e banqueiros belgas. Para recuperar os custos de seus investimentos pessoais em sua aventura colonial, Leopoldo II concedeu os territórios coloniais a empresas privadas que lhe pagaram royalties em troca da liberdade de extração de recursos naturais (FRANCOPHONIE, 2015).

A partir de 1885, o Congo foi submetido à operação de empresas que organizaram a extração de borracha. Algumas das riquezas acumuladas serviram para construir edifícios de prestígio em Bruxelas. Com o tempo, Leopoldo II começou a ser mal visto na comunidade internacional, não só pelo fato de trabalho forçado imposto aos congolezes, mas também por causa da mutilação de mulheres e crianças (mãos ou pés cortados) ao não cumprirem as cotas de produção de borracha e marfim. Ele foi acusado dos massacres dos habitantes (JEAN-MARC, 1998).

Por causa dos excessos cometidos por europeus na África, a reputação de Leopoldo II e seu trabalho no exterior foram seriamente desafiados. O rei instituiu uma Comissão Internacional de Inquérito (1904), que publicou em novembro do ano seguinte um relatório condenatório, reconhecendo "o mérito da ação real no Congo", embora salientando "os abusos e deficiências" por colonizadores e milícias. Na época, as atrocidades cometidas no Congo eram reveladas, especialmente, pelo cônsul britânico no Congo, Roger Casement, provocando indignação em toda a Europa. Em 1908, o Parlamento belga decidiu que não poderia mais confiar a

colônia à única autoridade do rei. Os belgas no Congo, nunca promoveram o ensino da língua francesa para os "nativos", que ficaram longe da Administração. Mas todos os livros de História colonial apresentam Leopoldo II como um "grande benfeitor" do povo congolês (MICHE, 2015).

2.2 PERÍODO DO CONGO BELGA (1908-1960)

Em 1908, o Congo foi oficialmente chamado de Congo Belga. O crescimento econômico do Congo Belga se deu significativamente (através da produção de cobre e diamante), mas atendendo a interesses coloniais e ao capital estrangeiro, não respondendo principalmente as necessidades da população. O sistema operacional do trabalho forçado continuou. Além disso, muitos líderes tradicionais congolezes, acusados de desafiar a ordem colonial, foram enforcados para dar o exemplo (FRANCOPHONIE, 2015).

No final da década de 1950, no campo da educação, manteve-se o monopólio das missões católicas, e tinham-se construído apenas 15 universidades congolezas, sem formar qualquer médico ou engenheiro, mas tinha-se produzido mais de 500 padres locais. Os congolezes mais instruídos se tornaram carpinteiros, mecânicos, enfermeiros, pintores, etc. O holandês e o francês foram ensinados nas escolas estatais, que formaram as autoridades de origem belga (FRANCOPHONIE, 2015).

O Congo belga se encontrava desprovido de pessoal político e técnico pronto para assumir quando deu seus primeiros passos rumo à independência. O Instituto Colonial de Antuérpia, em 1955, já havia alertado o governo belga que trinta anos seriam necessário para formar uma classe dirigente capaz de assumir o poder. Em janeiro de 1959, ocorreram tumultos em Leopoldville. As autoridades belgas foram pressionadas por uma parte da população e por líderes congolezes.

Em Bruxelas, o governo belga anunciou um programa para treinar a administração da elite congoleza mediante a organização de eleições locais para a formação de um governo congolês, comprometendo-se a levar o país para a independência, que foi fixada pelo Parlamento belga, em 30 de junho de 1960 (FRANCOPHONIE, 2015).

2.3 INSTABILIDADE POLITICA NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

A independência da República do Congo, em 30 de junho de 1960, teve Joseph Kasavubu como seu primeiro chefe de Estado e Patrice Lumumba seu primeiro-ministro. O país imediatamente enfrentou problemas econômicos, políticos e sociais de grandes proporções. Uma semana depois da independência, as forças armadas se amotinaram, e movimentos separatistas, além do conflito intertribal, ameaçaram dividir o país. O Exército Nacional congolês tornou-se uma força indisciplinada e incerta, com grupos de soldados que apoiavam vários líderes políticos e militares (GALE, 2007).

Um grande golpe para a nova república era a secessão de Katanga (Província do RDC), rica em minerais, que foi anunciado no dia 11 de julho 1960 por Moïse Tshombe, chefe do governo provincial. O governo central não tinha como intervir devido à perda de receitas de sua província mais rica e pela partida de funcionários belgas civis, professores, médicos, e técnicos. A Bélgica enviou paraquedistas para o Congo, apelando à ONU por ajuda. Mediante uma situação de falta de recursos e de desordem, a ONU ofereceu um programa de assistência massivo, financeiro, administrativo-militar e técnico. A ONU mobilizou um número considerável de especialistas em administração, médicos, professores e outros profissionais qualificados (GALE, 2007).

As forças das Nações Unidas enviadas para restaurar a ordem não estavam ajudando a derrotar os separatistas. Lumumba solicitou ajuda de Washington, não sendo sequer recebido pelo presidente dos Estados Unidos, o que motivou a aproximação com a União Soviética. Dela recebeu, em seis semanas, uma volumosa ajuda militar e cerca de mil conselheiros técnicos. O governo dos Estados Unidos viu isto como uma manobra de Guerra Fria para disseminar o comunismo na África Central. Kasavubu, irritado com a chegada soviética, em setembro de 1960, demite Lumumba. Por seu lado, indignado, Lumumba declara deposto o presidente Kasavubu. Tanto Lumumba como Kasavubu ordenam a Mobutu (coronel do exército de Katanga) prender o outro (ALTMAN, 2013).

O Parlamento, posteriormente, revogou ambas as demissões. Kasavubu, em seguida, rejeitou o parlamento e com o Coronel Joseph-Desire Mobutu, recém-nomeado chefe do exército, conseguiram prender Lumumba. As tropas da ONU não

interferiram. Lumumba foi secretamente entregue às autoridades do Katanga, que o colocaram à morte precoce, em 1961. Pouco tempo depois, o Conselho de Segurança da ONU, pela primeira vez autorizou o uso da força, se necessário, como um "último recurso", para evitar que uma guerra civil ocorresse no país (ALTMAN, 2013).

Soldado de carreira, o coronel Joseph-Désiré Mobutu chegou ao poder no dia 24 de novembro de 1965 com um golpe de estado. Com o seu único partido, o Movimento Popular da Revolução (MPR), ele chefiou o país de forma autoritária. Ferozmente anticomunista, ele conta com o apoio do Ocidente e do desenvolvimento econômico baseado na exploração da riqueza mineral. No início de 1970, ele instala uma ideologia chamada de "zairianisation", que tinha como objetivo a valorização da cultura, da identidade local, começando por ele mesmo, que mudou o seu nome para Mobutu, e o país passa a ser chamado de Zaire. No entanto, as desigualdades persistem fortes, problemas econômicos persistem. Em 1990, cada vez mais isolado, o presidente aceitou o sistema multipartidário e a formação de um governo mais inclusivo, mas as acusações de autoritarismo, corrupção e enriquecimento pessoal continuam (PERSPECTIVE MONDE, 2008).

Enquanto isso, o país enfrenta outros problemas em sua fronteira oriental. A guerra civil no país vizinho, Ruanda, ao longo de 1994 e 1995, havia obrigado mais de um milhão de pessoas a deixar o país e refugiarem-se nas províncias do Norte e Kivu do Sul, instalando campos densamente povoados. Esses refugiados, hutus ruandeses na maior parte, muitos dos quais tinham participado no genocídio contra ruandeses tutsis, rapidamente se tornaram uma grande pressão sobre os escassos recursos da região, e, em agosto de 1995, o governo intensificou os esforços para repatriá-los para Ruanda. Dentro de um mês, mais de 75 mil refugiados tinham sido expulsos. No entanto, a expulsão se mostrou contraproducente. Muitos dos refugiados tinham medo de serem presos ou mortos pelo governo Tutsi de Ruanda. Alguns refugiados fugiram para o campo para evitarem ser deportados da terra deles, enquanto outros voltaram através da fronteira apenas algumas horas depois de terem sido expulsos. Esse caso provocou muitas discussões envolvendo várias nações da região, dentre eles os Estados Unidos da América (EUA) sob a presidência de Jimmy Carter (KUTSHIENZA, 1999).

Em outubro de 1996, a insegurança aumentava na região, e a destruição da fauna e flora aumentou, levando o governo da província de Kivu do Sul a iniciar uma

série de medidas repressivas. Estas represálias foram dirigidas contra os refugiados hutus ruandeses e contra um outro grupo de etnia ruandeses tutsis, que afirmavam que seus antepassados se tinham estabelecido no Zaire mais de um século antes. Esta ação provocou uma rebelião dos ruandeses. No início de novembro, o governo provincial foi derrubado pelos rebeldes, e as principais cidades da província estavam sob controle desses rebeldes. Centenas de milhares de refugiados ruandeses foram repatriados para Ruanda, na tentativa de fugir dos combates (KUTSHIENZA, 1999).

Neste ponto, a rebelião tomou um rumo inesperado e Laurent Desire Kabila assumiu o controle. Kabila já tinha inicialmente lutado com Lumumba para a independência. Ele tinha vivido como um senhor da guerra local na província de Kivu do Sul. A presença de Kabila, como o líder da rebelião, mudou o foco de proteção aos ruandeses para a realização de uma rebelião contra o governo de Mobutu. Kabila obteve o apoio do Presidente Museveni de Uganda, Paul Kagame (líder da Frente Patriótica Ruandesa), e também da maioria dos países do ocidente, inclusive a Bélgica. O único país ocidental que era contra o avanço da rebelião de Kabila, era a França, não teve nenhum envolvimento de países do oriente (DUCITOYEN, 2004).

Quando a rebelião começou, o presidente Mobutu tinha se ausentado para procurar tratamento para seu câncer de próstata. No meio de dezembro, Mobutu voltou no país e nomeou um novo ministro da Defesa, e reformulou o comando do exército. Também fez uma contratação dos mercenários sérvios e hutus ruandeses para dar apoio ao seu exército. Em janeiro de 1997, o Exército lançou uma contraofensiva desastrosa contra os rebeldes. Em fevereiro os rebeldes controlaram quase todas as províncias orientais e estavam ameaçando derrubar o governo. Foi assim que começaram as negociações de paz, que foram mediadas pela África do Sul. Mas, mesmo assim, não conseguiu trazer um cessar fogo. Logo em março os rebeldes tomaram Kisangani, a terceira maior cidade do país, sem uma luta. Em abril, enquanto a ONU tentou negociar uma reunião entre Mobutu e Kabila, Mobutu recuou desse encontro, os rebeldes tomaram Lubumbashi, a segunda maior cidade, e também assumiram o controle da província rica em diamantes de Kasai (AIRAULT, 2015).

Em maio, o ex-presidente da África do sul, Nelson Mandela, tentou mais uma vez reconciliar Kabila e Mobutu a bordo de um navio sul-africano. Mobutu recusou-

se a chegar a um acordo sobre as condições para a sua partida. No entanto, com as forças rebeldes se aproximando cada vez mais, Mobutu percebeu que não tinha mais como se manter no poder, e acabou fugindo primeiro para sua cidade natal Gbadolite, na parte norte do país, e depois para o estrangeiro. Em 17 de maio de 1997, as forças de Kabila entraram na capital para uma recepção de heróis. Kabila anunciou que o país iria voltar a usar o seu antigo nome no período 1960-1970, a República Democrática do Congo (AIRAULT, 2015).

Em agosto de 1998, ocorre uma guerra envolvendo nove países africanos. Tudo começou quando Kabila percebeu que os seus antigos aliados, Ruanda e Uganda, queriam tomar o controle total da RDC. Ruanda e Uganda atacam algumas cidades do leste de Goma, Bukavu e Uvira. Os membros da Comunidade Africana de Desenvolvimento Sul, de Angola, Namíbia e Zimbábwe (SADC), auxiliaram no fornecimento de tropas e materiais para o Congo. Chade e o Sudão também apóiam Kabila. Essa guerra foi também conhecida como “primeira guerra mundial da África”. Uma facção congoleza chamada *Rassemblement Congolais pour la Democratie* (RCD), reivindicou apoio popular contra o governo de Kabila para estabelecer a democracia na RDC. A ONU estima que cerca de 6 mil pessoas morreram até o final do primeiro ano do conflito na RDC, muitos deles civis. O custo financeiro de apoio do Zimbábwe para o governo da RDC foi estimado em US \$ 3 milhões por dia (MAS, 2006).

Em julho de 1999, todos os lados assinaram o acordo de paz de Lusaca. A ONU concordou em enviar cerca de 5 mil soldados de paz para a RDC, para monitorar a implementação do acordo. No entanto, com mais da metade do território nacional sob controle rebelde, e com Kabila se recusando a cooperar com o negociador da ONU, uma instabilidade político e militar se seguiu. O país caiu ainda mais no caos econômico, devido à péssima gestão da política monetária e fiscal. Em 16 de Janeiro de 2001, um guarda da força especial presidencial, matou o presidente Laurent Desire Kabila. Kabila foi sucedido por seu filho, Joseph, que foi confirmado por unanimidade pelo parlamento, designado por seu pai, para ser o novo chefe de Estado, em 27 de Janeiro de 2001. Em janeiro de 2003, foi concluído o julgamento de assassinato, e apesar das evidências questionáveis, 29 pessoas foram condenadas à morte. Em agosto de 2002, Joseph Kabila conseguiu concluir um acordo de paz com Ruanda e com Uganda (GALE, 2007).

Dada a sua juventude e inexperiência, alguns observadores pensaram que Joseph Kabila não iria honrar o acordo de partilha de poder assinado em Pretória, em 17 de Dezembro de 2002. O acordo permitiu que Kabila permanecesse Presidente da República até que as eleições fossem realizadas, uma condição na qual ele insistiu ao longo das conversações. No entanto, apesar do acordo de Pretória e a presença de várias dezenas das tropas francesas de manutenção da paz, a luta feroz continuou entre as tribos Hema e Lendu pelo controle de Bunia, uma cidade no nordeste (QUINN, 2012).

Os combates continuaram também em outras partes do país. No início de 2003, a facção rebelde MLC foi acusada de assassinato em massa, canibalismo, estupro e outros abusos dos direitos humanos cometidos contra pigmeus em Ituri, situada no nordeste da RDC. Saques e roubos também foram relatados em Junho de 2003 em cidades e aldeias nas províncias de Kivu do leste. Apesar de ter assinado um acordo de paz em Sun City, África do Sul, em abril de 2003, RCD-Goma capturaram a cidade de Lubero em Junho de 2003 (MAS, 2006).

Um poder de compartilhamento de transição do governo, com representantes de todas as principais facções, foi cobrado com a responsabilidade de preparar o país para a sua transição para eleições democráticas, em 2005. A enorme tarefa de recenseamento eleitoral começou em junho de 2005 e o prazo para registro de candidatos foi marcada para 17 de Janeiro de 2006 (TSHONDA; RASHIDI, 2006).

No entanto, houve instabilidade e luta prolongada, responsável por cerca de 3,3 milhões de mortes relacionadas com a guerra no Kivus entre 1998 e 2002. Esta escala de calamidade humana não tinha sido visto em qualquer lugar do mundo desde a Segunda Guerra Mundial. Em dezembro de 2005, o Tribunal Internacional de Justiça decidiu que Uganda teria que pagar reparação a RDC pela exploração ilegal dos recursos naturais durante a guerra de 1998-2003 (GALE, 2007).

Os mantedores da paz (da ONU) foram autorizados a manter a ordem no período das eleições presidencial de 2006. O vencedor foi o presidente Joseph Kabila, que já estava no poder, e venceu ainda a eleição de 2011, e está na presidência até hoje. Todas as instabilidades que começaram em 1996, no Congo, são por causa dos seus recursos naturais (ouro, diamante, cobre, zinco, coltan, petróleo, etc.). O governo de Kabila não conseguia controlar totalmente as regiões mais ricas do país porque não tinha mais um exército capacitado. Essa fragilidade das forças armadas do Congo levou ao surgimento de várias milícias que continuam

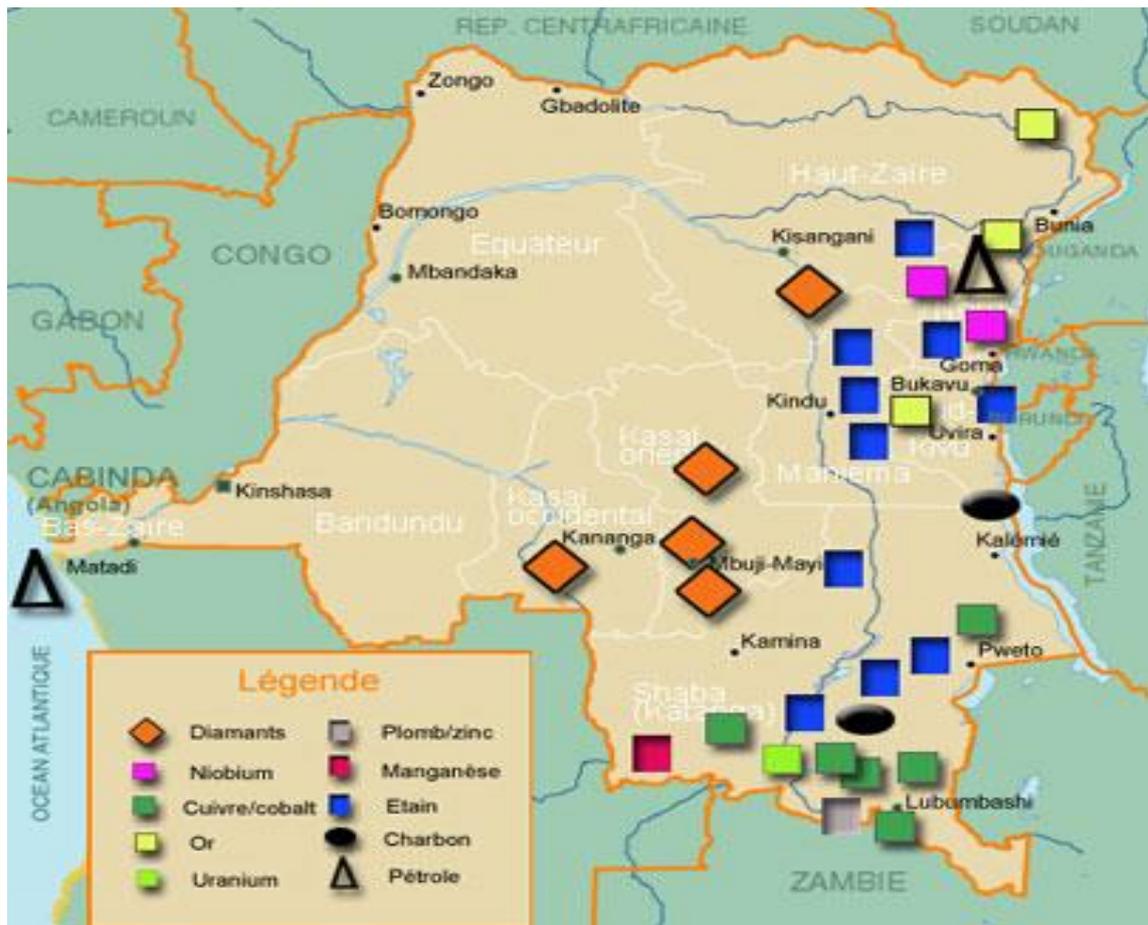
operando em algumas regiões nas explorações ilegais dos recursos naturais do país. Algumas empresas multinacionais financiam essas milícias para poder explorar ilegalmente as matérias primas no Congo (GALE, 2007).

Para melhorar a situação de segurança, em Novembro de 2007, um acordo foi assinado em Nairobi (Quênia) pelos governos da RDC e de Ruanda. O problema persistiu, todavia. O Governo organizou, no início de 2008, uma conferência nacional sobre a paz no leste do país, mas os resultados não foram muito conclusivos. Em fevereiro de 2013, foi assinado em Addis Ababa, na presença da União Africana, um acordo para o retorno da paz na região de Grandes Lagos, especialmente no Leste da RDC. Na sequência deste acordo, os líderes dos países signatários se comprometeram a respeitar a integridade de vizinhança territorial, e não apoiar grupos armados. Contudo, a situação de segurança não voltou totalmente porque existem ainda alguns grupos armados (LRA, FDLR) no leste do país (OMD, 2015).

3 A ECONOMIA EM QUESTÃO: ALGUNS ASPECTOS

Um primeiro e importante aspecto a destacar, no âmbito da economia, é que a República Democrática do Congo possui um potencial de mineração diversificada e de forma irregular em todas as províncias do país, como mostra a figura abaixo.

Figura 3 - Matérias primas do RDC



Fonte: Google (2016).

Os principais minérios da RDC e suas devidas províncias estão listados no quadro a seguir.

Quadro 1 - Principais minérios da RDC e suas devidas províncias

Províncias	Principais minérios
Bandundu	Diamante, caulino, argilas
Bas Congo	Bauxita, cobre, chumbo, zinco, vanádio, fosfato, ouro, diamante, manganês, mármore, granito preto e rosa, sal-gema, ferro, argila, pirita, talco, sílica, caulim, barita, areia e asfalto calcário, calcário e quartzito .
Equador	Diamante, ouro, ferro, calcário, caulim, argila, cobre, granito, nióbio, ocre.
Kasai Ocidental	Diamante, argila, ouro, crómio, níquel, cobalto, platina, cobre, ferro, caulino, chumbo.
Kasai Oriental	Diamond, argilas, crómio, cobalto, cobre, níquel, ouro, ferro, caulino, talco.
Katanga	Cobre, cobalto, urânio, coltan, ouro, platina, lítio, talco, volfrâmio, zinco, argila, bismuto, cádmio, germânio, cassiterita, carvão, ferro, granito, gesso, caulim, manganês, sal, berilo (esmeralda) safira
Kinshasa	Argilas, sílica, caulim, vidro areia e arenito arkosic
Maniema	Agora, cassiterita, amblygonite, prata, argila, basnaerites, berilo, bismuto, diamante, diatomita, a monazita, nióbio, volfrâmio.
North Kivu	Agora, cassiterita, amblygonite, argila, cobre, diamantes, ferro, caulim, manganês, coltan, chumbo, talco, argila, cassiterita, basnaesite, berilo, carvão, granito, a monazita, nióbio, ouro, platina, volfrâmio, colombo tantalite
Kivu do Sul	Ouro, prata, diamantes, argila, cobre, ferro, caulim, coltan, ocre, xisto betuminoso, talco.
Província oriental	Agora, cassiterita, amblygonite, prata, argila, basnaesite, berilo, bismuto, diamante, monazita, nióbio, tungsténio, coltan.

Fonte: Minister de Mine (2013).

A descoberta da maioria dos depósitos conhecidos até a data foi feita há quase um século, utilizando métodos e técnicas rudimentares. Por isso, a probabilidade de descobrir outros, utilizando técnicas de pesquisa modernas, continua a ser elevada. As reservas geológicas para algumas substâncias minerais são dadas no quadro a seguir.

Quadro 2 - Principais reservas geológicas de substâncias minerais da RDC

Nº.	Substâncias minerais	Quantidades (milhões de toneladas)
01	cobre	75,0
02	lítio	31,0
03	nióbio	30,0
04	manganês	7,0
05	zinco	7,0
06	cobalto	4,5
07	ferro (mais de 60%)	1,0
08	cassiterita	0,45
09	ouro	0,0006
10	diamante	(Quilates) 206 000 000

Fonte: Minister de Mine, 2013

Apesar de muitas dificuldades enfrentadas pela mineração na República Democrática do Congo, esta ainda é a espinha dorsal da economia nacional, com uma contribuição para o PIB de 28%. As exportações de produtos de mineração são responsáveis por cerca de 70% do valor total das exportações provenientes da República Democrática do Congo (MONDIAL, 2016).

3.1 TRAJETÓRIA DA ECONOMIA NO SÉCULO XXI

A economia vem crescendo na RDC. Desde 2003, a taxa de crescimento foi superior a 5%, com exceção de 2009, quando a atividade econômica recuou frente uma queda na demanda global de materias primas. Isto é apresentado na tabela abaixo.

Tabela 1 - Taxa de crescimento do PIB da RDC

Ano	Taxa de crescimento do pib em %
2000	-6,9
2001	-2,1
2002	3,5
2003	5,8
2004	6,6
2005	7,8
2006	5,6
2007	6,3
2008	6,2
2009	2,8
2010	7,1
2011	6,9
2012	7,2
2013	8,5
2014	9,5

Fonte: Relatórios do Banco Central do Congo (BCC)

A partir desta tabela, percebe-se que o país está tendo um crescimento econômico real. Esse crescimento está relacionado com a combinação de vários fatores. Mas o setor de mineração ainda é o motor da economia congoleza. Ele é impulsionado principalmente pela Produção mineira (mais de um quarto do PIB), como mostrado na tabela a seguir.

Tabela 2 - Contribuição para a atividade econômica, por setor (%)

	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Agricultura	21	20	20	19	18	18
Extração de minério	13	21	24	24	25	26
Indústria manufatureira	13	12	11	11	11	11
Construção e engenharia civil	4	3	4	4	4	4
Electricidade, gás, água.	1	1	1	1	1	1
Comercio	17	15	15	15	15	15
Transporte e telecomunicação	15	14	13	13	13	13
Outro serviço fora de administração pública	5	5	4	4	4	4

Fonte: Banco Central do Congo (2015).

O setor primário, em 2014, representou 44% da atividade econômica; o setor secundário representou 16% e o setor de serviço 33%. Nos últimos anos a produção de minerais teve um aumento em particular, por causa da demanda dos países emergentes que estão se industrializando, particularmente da China e da Índia. A tabela a seguir mostra o aumento da produção mineira na RDC.

Tabela 3 - Tabela da produção dos minérios desde 2006

Produção	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Cobre (t)	97360	96391	335066	309181	497537	4991986	6199429	922016	1065744
Cobalt (t)	15384	17886	42461	56258	97693	99475	86433	76593	76475
Zinc (t)	33784	33809	15465	19636	9223	14758	10572	12114	12737
Diamante 1000 c	28949	28270	20953	17880	16963	18598	20157	17603	14907
Ouro bruto (kilo)	254	122	150	220	1784	414	4529	6112	23937

Fonte: Banco Central do Congo (2015).

O setor de mineração é geralmente crescente. É particularmente importante a produção de cobre, que aumentou de 97.360 toneladas em 2006 para 1.065.744 toneladas em 2014.

3.1.1 Produção e exportação de substâncias minerais (2003 - 2012)

3.1.1.1 Indústria de diamantes

As estatísticas de produção e exportações do setor de Diamante se referem às exportações da mineração de diamantes artesanal e industrial¹ em geral. Mas há uma clara predominância de produção de diamante para exportações a partir da produção artesanal.

Conhecido como o "estado diamante", o sul de Kasai possui grandes reservas de diamantes tipo gema e industriais. Até meados da década de 1970, o Congo foi o maior produtor individual de diamantes industriais, com média de cerca de um terço do total mundial [...] (NDIKUMANA; EMIZET, 2003, p. 8. Tradução SILVA, 2011, p. 71).

Com a queda de preços do cobre em 1974 e a própria queda da produção do minério em 1988, e seu virtual colapso no início da década de 1990, a produção de diamantes ajudou a economia da RDC. Segundo Silva (2011, p. 83):

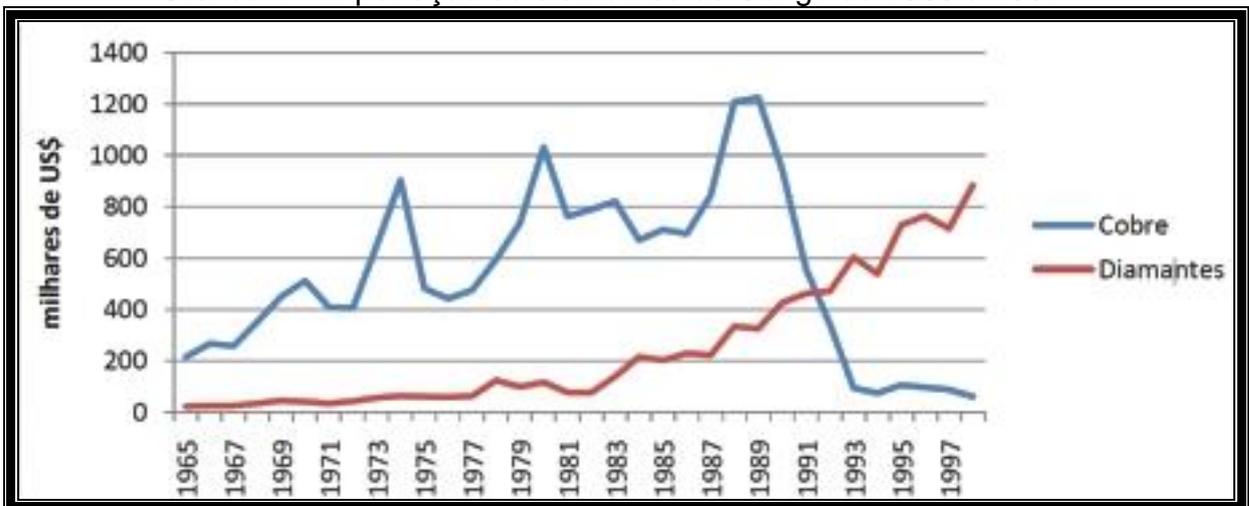
Apesar da existência de grandes redes de contrabando, as atividades ilegais foram reduzidas em 1983 (até então contavam por 70% de toda a produção) com a legalização da mineração artesanal e o estabelecimento

¹ **Mineradores artesanais** trabalham sob condições de trabalho arcaicas e difíceis e vivem em extrema pobreza, geralmente recebendo menos de 9% do preço no varejo das pedras preciosas que extraem. Disponível em: <<http://www.tetrattech.com/pt/projects/direitos-de-propriedade-e-extra%C3%A7%C3%A3o-artesanal-de-diamantes-%C3%A1frica>>. Acesso em set. 2016. A **mineração artesanal** é um tipo de operação de pequena escala de mineração que não está associado a grandes empresas corporativas. Esse tipo de mineração de subsistência é um tanto comum no mundo em desenvolvimento, e usa muitas ferramentas manuais e métodos que têm sido utilizados por garimpeiros ao longo da história. Disponível em: <<http://www.manutencaoesuprimentos.com.br/conteudo/4700-metodo-de-mineracao-artesanal/>>. Acesso em set. 2016. Ao contrário de **grandes operações de mineração** que fazem uso de máquinas pesadas, explosivos e tratamentos químicos. Direitos de propriedade assegurados geram incentivos positivos a mineradores para que se tornem bons administradores de suas terras. Quando se formalizam e se asseguram os direitos do minerador de prospectar e escavar à procura de diamantes, aumenta a probabilidade de que ele venda seu produto pelas vias legais, permitindo ao governo rastrear a origem dos diamantes e evitar que estimulem conflitos. Disponível em: <<http://www.tetrattech.com/pt/projects/direitos-de-propriedade-e-extra%C3%A7%C3%A3o-artesanal-de-diamantes-%C3%A1frica>>. Acesso em set. 2016.

de licenças para compradores (*comptoirs*) oficiais para esse tipo de produção. Esta política resultou em um grande aumento na produção oficial (em 1991 a exportação da *Société minière de Bakwanga* - MIBA era de 9,6 milhões de quilates e a produção artesanal era de 7,2 milhões – resultando em 16,8 milhões de quilates).

O gráfico a seguir mostra a trajetória da receita das exportações congoleesas de diamantes e de cobre, entre 1965 e 1997.

Gráfico 1 - Exportação de diamantes do Congo de 1965 a 1997



Fonte: Silva (2011, p. 83).

Houve um declínio global na produção de diamantes observada a partir de 2009, provavelmente afetada pela queda de exportações registradas em 2008, na sequência da crise financeira International, como pode ser observado na tabela a seguir.

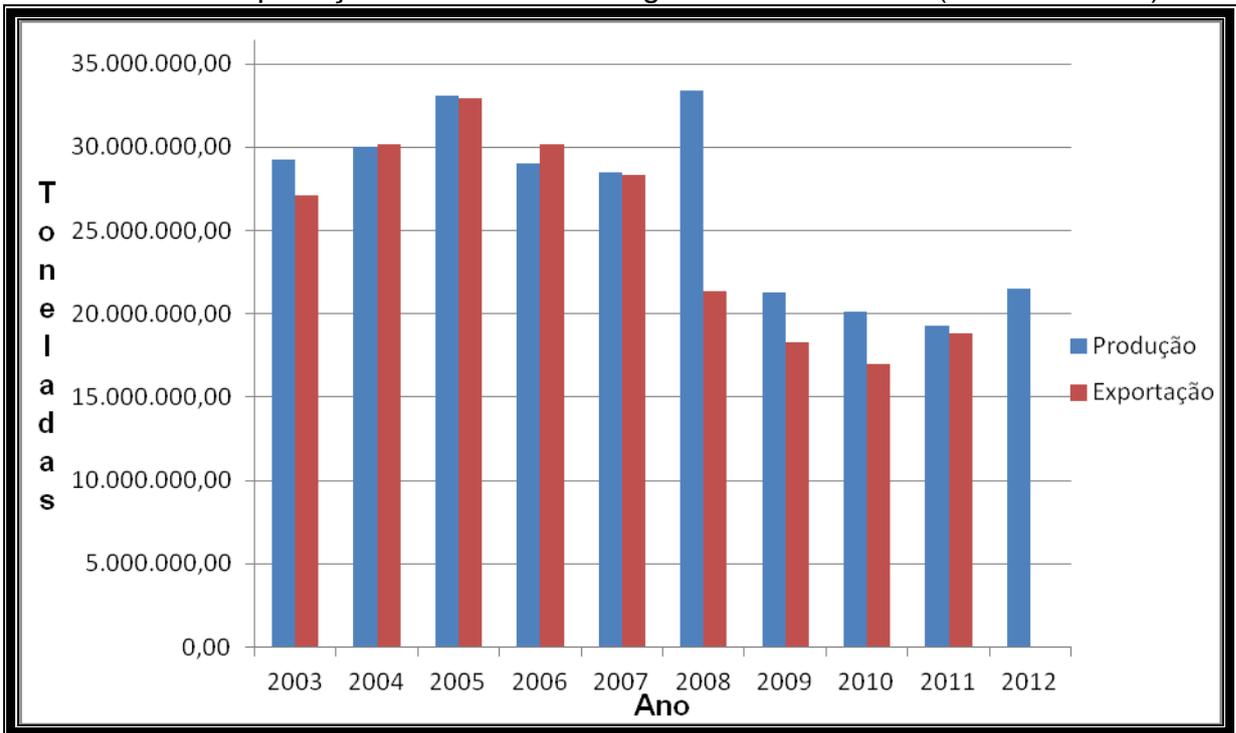
Tabela 4 - Exportação de Diamante Congolês de 2003-2012 (em Quilate)

Ano	Produção em Quilate	Exportações Quilate	Diferença Quantidade Quilate	%
2003	29 232 611,94	27 081 403,11	2 151 208,83	7%
2004	30 040 479,47	30 162 413,26	-121 933,79	0%
2005	33 054 997,94	32 949 849,29	105 148,65	0%
2006	28 990 241,43	30 177 839,65	-1 187 598,22	-4%
2007	28 452 496,25	28 331 376,35	121 119,90	0%
2008	33 401 927,71	21 345 886,03	12 056 041,68	36%
2009	21 298 458,90	18 253 878,03	3 044 580,87	14%
2010	20 166 220,14	16 963 396,77	3 202 823,37	16%
2011	19 249 057,46	18 839 050,01	410 007,45	2%
2012	21 524 266,19	19 558 919,96	1 965 346,23	9%

Fonte: Minister de Mine (2013).

O gráfico a seguir mostra a exportação de Diamante Congolês de 2003-2012 (em Toneladas).

Gráfico 2 - Exportação de Diamante Congolês de 2003-2012 (em Toneladas)



Fonte: Minister de Mine (2013).

Ao contrário de outras substâncias minerais, a queda dos preços dos diamantes tem persistido, existindo uma redução na demanda internacional e causando a queda nas exportações e produção a partir de 2008.

3.1.1.2 indústria do ouro

Existe um aumento substancial da produção de ouro no RDC a partir de 2011 com a entrada em produção da Empresa Chinesa, Twangiza MINERAÇÃO. A partir de então, a República Democrática do Congo começou gradualmente a abrir caminho entre os maiores produtores de ouro em África.

A tabela a seguir mostra a produção e exportação de ouro no RDC, de 2003 a 2012 em toneladas.

Tabela 5 - Indústria do ouro no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)

Ano	Produção	Exportação	Diferença	
			Quantidade	%
2003	-	-	-	
2004	714,96	12,00	702,96	98%
2005	592,17	613,00	- 20,83	-4%
2006	328,09	95,00	233,09	71%
2007	143,73	121,60	22,13	15%
2008	119,57	70,31	49,26	41%
2009	166,61	220,14	- 53,53	-32%
2010	151,13	177,90	- 26,77	-18%
2011	309,41	213,36	96,05	31%
2012	2 812,62	2 411,30	401,32	14%

Fonte: Minister de Mine (2013).

Conforme gráfico acima, em 2004 e 2006 houve pequena exportação frente a produção e, em 2009 e 2010, inversamente, houve maior exportação que produção.

A seguir faz-se alusão à indústria de metais não ferrosos no RDC.

3.1.1.3 indústria de metais não ferrosos

A produção e exportações de cobre, conforme a tabela a seguir, mostram estarem em ascensão. Este crescimento foi impulsionado pela entrada em produção de grandes projetos de mineração, tais como Tenke Fungurume Mining "TFM" Kamoto Copper Company "KCC" Mutanda Mining "MUMI", etc., empresas do RDC. A partir de 2010, ultrapassou a marca de 400.000 toneladas de cobre e 70.000 toneladas de cobalto.

A tabela a seguir mostra a produção de cobre no RDC de 2003 a 2012, em toneladas.

Tabela 6 - Produção de cobre de 2003 a 2012 (em toneladas)

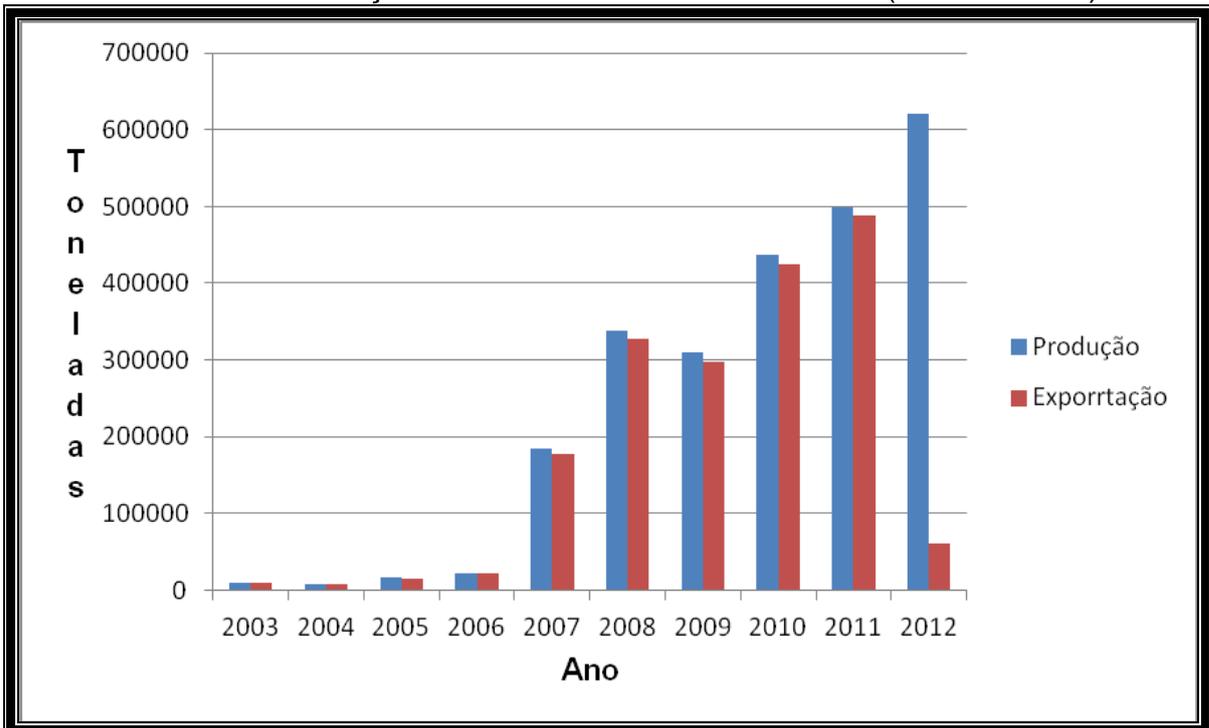
Ano	COBRE			
	Produção em (t)	Exportação(t)	Diferença	%
2003	9 370,00	9 022,49	347,51	4%
2004	7 689,00	7 447,07	241,93	3%
2005	16 038,00	15 681,95	356,05	2%
2006	22 440,00	21 866,63	573,37	3%
2007	185 146,63	178 280,09	6 866,54	4%
2008	337 430,00	326 812,99	10 617,01	3%
2009	309 610,00	298 127,49	11 482,51	4%
2010	437 755,00	423 981,33	13 773,67	3%
2011	499 198,00	488 115,58	11 082,42	2%
2012	619 942,00	604 101,71	15 840,29	3%

Fonte: Minister de Mine (2013).

Um estudo do Internacional Copper Group "ICSG", datado de março de 2013, mostrou que a demanda por cobre no mercado internacional aumentou cerca de 31%, impulsionado pelo consumo da China (43% da demanda mundial).

O gráfico a seguir mostra a evolução da produção de cobre no RDC, de 2003 a 2012, em toneladas.

Gráfico 3 - Produção do cobre no RDC de 2003-2012 (em toneladas)



Fonte: Minister de Mine (2013).

Por outro lado, as exportações de cobalto estão experimentando um ligeiro declínio. Na verdade, o preço do cobalto tem registado um declínio acentuado, de cerca de 18% em 2012, em comparação com a média de 2011. Um estudo feito pela avaliadora Ecomine² confirma que a República Democrática do Congo é o maior produtor de Cobalto do mundo (cerca de 64% da produção mundial).

A tabela a seguir mostra a produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012, em toneladas.

² [ECOMINE](http://w3.cetem.gov.br/infomimet/bases3.html) - Publicação mensal do Bureau de Recherches Géologiques et Minières (França) sobre a indústria mineral (minérios metálicos e não-metálicos, carvão, petróleo e gás) no mundo. Os títulos e os resumos dos artigos publicados, a partir de 2002, podem ser gratuitamente recuperados. Disponível em: <<http://w3.cetem.gov.br/infomimet/bases3.html>>. Acesso em set. 2016.

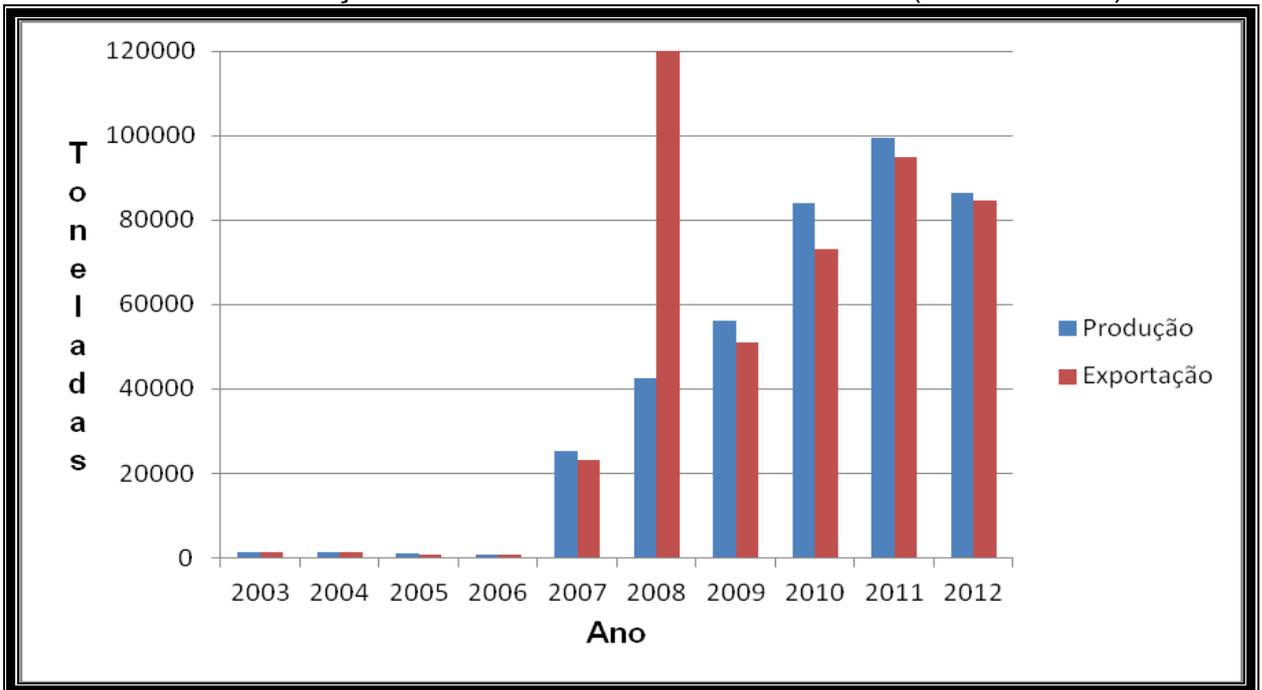
Tabela 7 - Produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)

COBALTO				
Ano	Produção em (t)	Exportação(t)	Diferença	%
2003	1 358,00	1 238,11	119,89	9%
2004	1 412,00	1 227,76	184,24	13%
2005	934,00	890,44	43,56	5%
2006	746,00	730,34	15,66	2%
2007	25 286,26	23 053,89	2 232,37	9%
2008	42 461,00	36 920,67	5 540,33	13%
2009	56 103,00	51 150,00	4 953,00	9%
2010	84 005,00	73 044,00	10 961,00	13%
2011	99 475,00	94 836,09	4 638,91	5%
2012	86 433,00	84 618,56	1 814,44	2%

Fonte: Minister de Mine (2013).

O gráfico a seguir mostra a produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012, em toneladas.

Tabela 8 - Produção de cobalto no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)



Fonte: Minister de Mine (2013).

Segundo estatísticas, a produção de zinco não sofreu muitas oscilações. Com a chegada da China na República Democrática do Congo, a partir de 2006, a produção aumentou, com a instalação de empresas chinesas no RDC e pela forte demanda da China para com esse metal.

A tabela a seguir mostra a produção de zinco no RDC de 2003 a 2012, em toneladas.

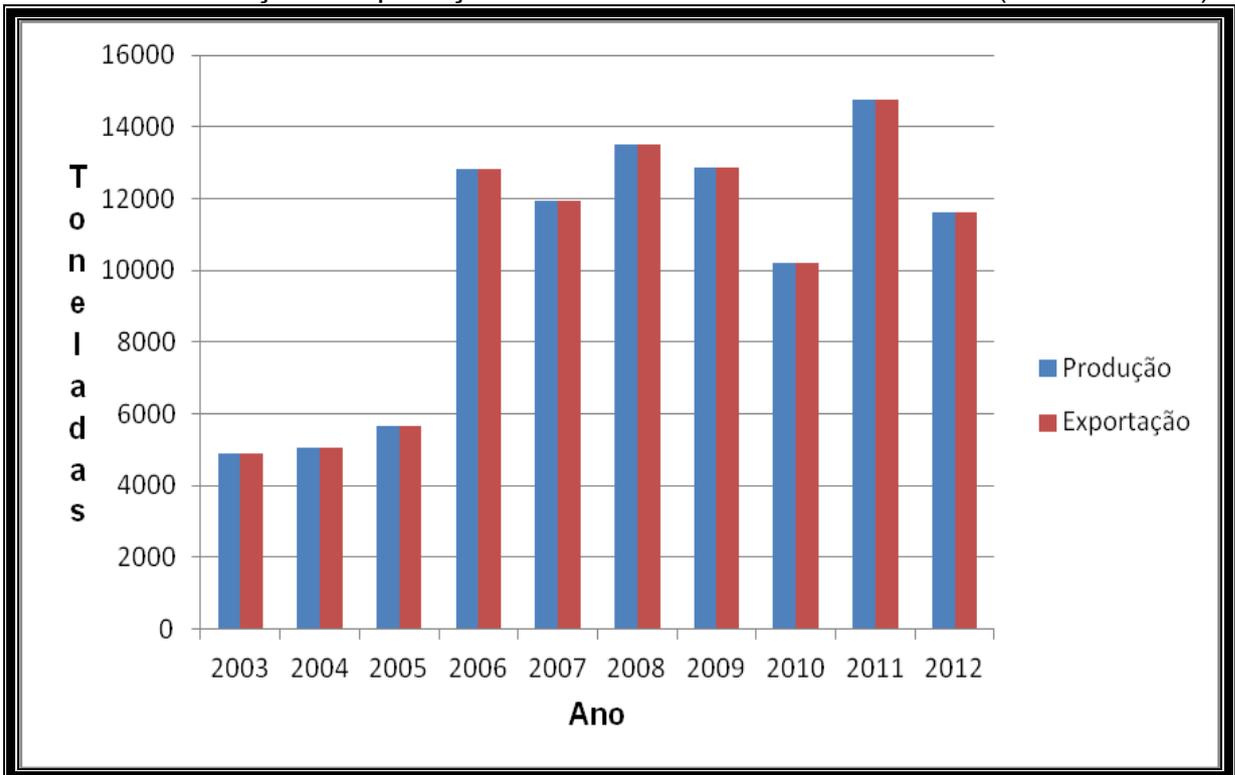
Tabela 9 - Produção de zinco no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)

Ano	Zinco	
	Produção	Exportação
2003	4 885,00	4 885,00
2004	5 068,00	5 068,00
2005	5 670,00	5 670,00
2006	12 836,00	12 836,00
2007	11 925,00	11 925,00
2008	13 523,00	13 523,00
2009	12 849,00	12 849,00
2010	10 191,00	10 191,00
2011	14 758,00	14 758,00
2012	11 623,00	11 623,00

Fonte: Minister de Mine (2013).

O gráfico a seguir mostra a exportação de zinco no RDC de 2003 a 2012, em toneladas.

Gráfico 4 - Produção e exportação de zinco no RDC de 2003 a 2012 (em toneladas)



Fonte: Minister de Mine,2013.

Tendo mostrado alguns aspectos e considerações sobre a economia e o potencial de mineração da República Democrática do Congo, a seguir aborda-se sobre a presença chinesa na RDC, assinalando a projeção da China na África subsaariana.

4 PANO DE FUNDO PARA A ABORDAGEM DA PRESENÇA CHINESA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: A PROJEÇÃO DA CHINA NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Pode-se remontar até a Conferência de Bandung para focalizar a trajetória da projeção chinesa na África, notadamente na sua porção subsaariana. O contexto desse evento, é plausível dizer, exhibe uma convergência de interesses entre alguns países asiáticos - entre eles a China – e africanos, desejosos de enfrentar o imperialismo e atuar juntos para promover o desenvolvimento. A Conferência de Bandung representou a expressão, pela primeira vez, desse interesse, permeado de solidariedade mútua, o que foi reafirmado por três encontros subsequentes China-África.

Inicia-se esse capítulo, assim, pelo “campo” em que se insere esse evento: o da política. Depois aborda-se o terreno de interações relacionadas à economia, privilegiando o comércio.

4.1 UMA NOTA SOBRE O CAMPO POLÍTICO DA PROJEÇÃO CHINESA NA ÁFRICA

Aborda-se primeiramente a Conferência de Bandung. Depois, comentam-se os desdobramentos, referentes aos encontros China-África.

4.1.1 A Conferência de Bandung

A Conferência de Bandung realizada no período de 18 a 24 abril de 1955, em Bandung, na Indonésia, conseguiu reunir, pela primeira vez, representantes de 29 países africanos e asiáticos, marcando a entrada na cena internacional dos países do Terceiro Mundo. Oportunizou as relações entre a China e a África, ainda que tenha recebido apenas seis países africanos: Egito, Gana, Etiópia, Libéria, Sudão e

Líbia. Esse fato sinaliza que a maioria do continente ainda estava sob o jugo da colonização, incluindo o "DRC".

Esse encontro, no entanto, deixou a China mais perto dos países africanos, alguns dos quais alcançaram sua liberdade, como ela, de muitos anos de domínio estrangeiro. Esta conferência pode ser colocada no contexto de uma reunião decisiva nas relações sino-africanas, direcionando para uma chamada de países asiáticos para ajudar a África. É nesta perspectiva que se descreve o avanço da cooperação sino-Congolesa.

4.1.2 Os três encontros China x Africa

As efetivas ações de aproximação começaram muito depois da Conferência de Bandung. Na verdade, três vértices marcaram o fortalecimento das relações entre a China e África.

A primeira reunião foi realizada de 10 a 12 de outubro de 2000, em Pequim, reunindo 45 países africanos. A China declarou seu princípio "win-win", em outras palavras, ambas as partes vão encontrar os seus interesses. Durante a cúpula, a China comprometeu-se a cancelar ou reduzir a dívida de 32 estados africanos para um total de US\$ 10 bilhões. A África, em troca, permitiu que 600 empresas asiáticas pudessem se instalar em seus territórios. Note-se que este encontro recebeu apenas quatro chefes de Estado africanos: GNASSIMGBE Eyadema, Abdelaziz Bouteflika, Frederick Ciluba e Benjamin Mkapa. O Secretário-Geral da OUA, Salim Ahmed Salim, também estava presente (KASONGO, 2009).

A segunda reunião foi realizada em Adis Abeba, em 15 e 16 de dezembro de 2003. Cinco presidentes, três vice-presidentes, dois primeiros-ministros e o presidente da Comissão da UA (União Africana), Alpha Oumar Konare, participaram deste encontro. Mais uma vez a economia foi posta em evidência com a ratificação do Plano de Ação 2004-2006. A cooperação foi fundamental para as negociações nas áreas de exploração dos recursos naturais, agricultura, transporte, turismo, educação, etc., com investimento bilateral. Nesta ocasião, a China assinou um compromisso para a paz regional, reafirmando não praticar ingerência nos assuntos internos dos estados (CISSE, 2007).

O terceiro fórum China-África foi realizado de 3 a 5 de novembro de 2006, em Pequim, com a presença de 48 chefes de Estado e delegações. Este foi o evento diplomático mais importante desde a revolução de 1949 naquele país. O fórum aprovou o "Plano de Ação 2007-2009". Globalmente, 2 bilhões de dólares foram alocados para concluir os acordos de financiamento assinados entre a China e os países africanos. Este encontro teve como tema "amizade, paz, cooperação e desenvolvimento", portanto, anunciava uma nova organização das relações sino-africanas, principalmente com base na cooperação (VIRCOULON, 2008).

Na verdade, frente aos acordos acima mencionados, a China afirmou o compromisso de assegurar, estabelecer e desenvolver um novo tipo de parceria estratégica com igualdade e confiança mútua, a cooperação no espírito conduta win-win econômica e garantir o benefício mútuo para o desenvolvimento comum (CISSE, 2007).

Igualmente ao observado na cooperação China-África, em termos gerais, também na cooperação com a RDC a China iria se abster de interferir nos assuntos internos do referido país. A China, conforme sua prática de relacionamento diplomático, deixou a RDC com liberdade para definir as suas prioridades básicas frente às necessidades e realidades sociais. Note-se que a China sempre se opôs a qualquer forma de ingerência nos assuntos internos dos países pobres. Isto foi afirmado por Jiang Zemin, ex-Presidente da República Popular da China, quando assinalou que: "nenhum país tem o direito de impor aos outros o seu sistema de ideologia social e, ainda menos, acusá-los de forma indiscriminada em termos de assuntos de seu interesse" (VIRCOULON, 2008, p. 205).

4.2 A PRESENÇA DA CHINA NA ÁFRICA: FOCO NA ECONOMIA, COM ÊNFASE NO COMÉRCIO

A África tem ampliado sua importância estratégica para as principais potências mundiais nos últimos anos. Em parte, isto tem sido impulsionado pelo crescimento econômico da China. No que concerne à África, cabe assinalar que, pela primeira vez desde a era do comércio de escravos, os fluxos de exportações e importações africanos foram reorientados do Hemisfério Norte para o Oriente. Devido principalmente aos investimentos chineses e norte-americanos em petróleo,

e à ampliação da demanda da China por minerais, a África registrou uma taxa de crescimento econômico de 5,2% em 2005, a maior nos últimos tempos (CARMODY; OWUSU, 2011).

A exemplo dos investimentos estrangeiros, as importações de commodities, petróleo e outros insumos energéticos, cresceram exponencialmente em 2000, como atestam os dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Diferentemente dos anos 1990, quando as importações desses produtos se ampliaram somente US\$ 900 milhões – saltaram de US\$ 1 bilhão em 1995 para US\$ 1,9 bilhão em 1999 –, na década passada este crescimento chegou a ser de US\$ 46,5 bilhões. Em 2000, essas importações que eram US\$ 4,8 bilhões atingiram o valor de US\$ 51,4 bilhões em 2008. Como resultado desse movimento, a participação do setor de commodities, petróleo e outros insumos energéticos nas importações chinesas, oriundas da África, cresceu ainda mais em 2000. O percentual desse setor saiu de 76,4% no triênio 1995-1997 para 93,3% no de 2007-2009 (CARMODY; OWUSU, 2011).

Tabela 10 - Pauta de importação da China oriunda da África – 1995-2009 (Em %)

	1995-1997	1998-2000	2001-2003	2004-2006	2007-2009
<i>Commodities e petróleo</i>	76,4	84,7	87,1	91,6	93,3
Intensivo em trabalho e recursos naturais	7,6	5,4	4,0	3,6	2,5
Baixa intensidade tecnológica	4,6	2,9	3,9	2,0	2,1
Média intensidade tecnológica	7,9	4,5	2,5	1,3	0,8
Alta intensidade tecnológica	3,3	2,4	2,4	1,5	1,2
Não classificados	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0

Fonte: Carmody e Owusu (2011, p. 244).

Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia da África Subsaariana cresceu quase 7% ao ano (a.a.), entre 2004 e 2007, antes de cair para 2,6%, em 2009, em razão da crise econômica global. O investimento direto estrangeiro (IDE), com a participação da China no continente, também se expandiu em termos absolutos ao longo desse período. Como resultado desse movimento, alguns autores têm discutido a existência de uma “Nova Disputa pela África”. Essa

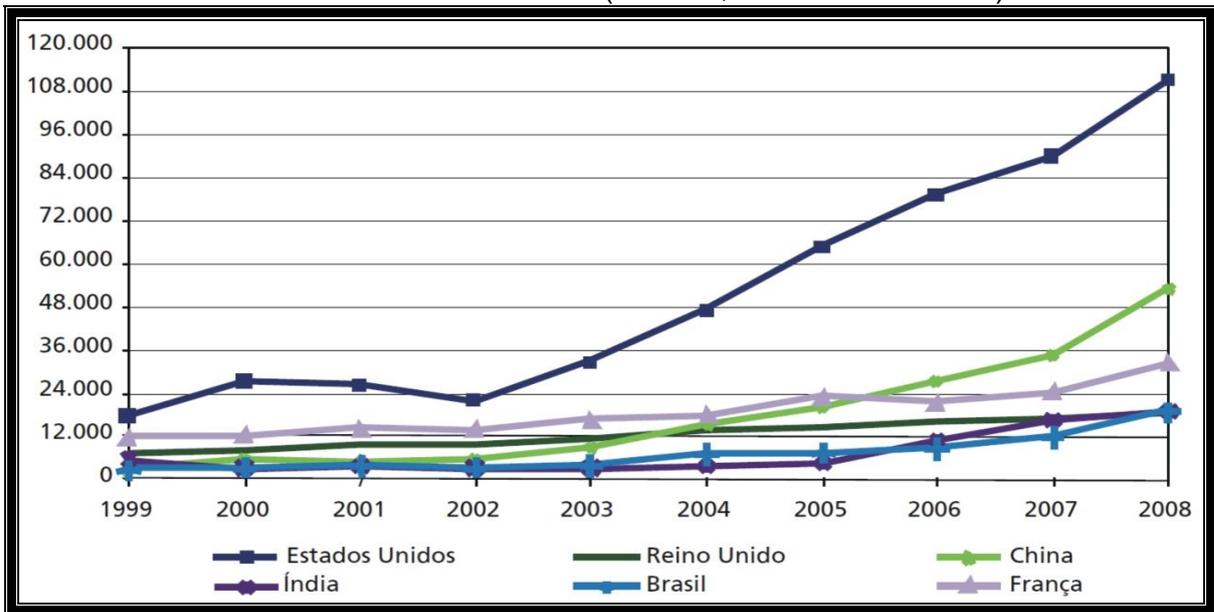
disputa tem envolvido poderes estabelecidos, como os Estados Unidos e os países emergentes, como o Brasil (CARMODY; OWUSU, 2011).

Entretanto, o nível de engajamento da China com o continente africano foi o que assumiu maior relevância recentemente. Na verdade, ao longo dos últimos anos, a China transitou da situação de um “ator estático” para o de mais influente país no continente. Todavia, a entrada da China na África tem sido conduzida por um conjunto amplo de agentes, muitos dos quais não estiveram sujeitos ao controle do Estado chinês e possuíam interesses concorrentes (CARMODY; OWUSU, 2011).

Do turismo em Serra Leoa, passando pelas fábricas de motos em Gana e chegando às refinarias de petróleo no Sudão, os investimentos chineses na África têm se expandido em ritmo muito acelerado. Entre 2000 e 2005, os fluxos comerciais entre a China e a África mais que triplicaram, um ritmo de crescimento jamais observado anteriormente. Somente no biênio 2003-2004, as importações chinesas oriundas da África cresceram espantosos 87%. Mais de 60% das exportações de madeira africana foram destinadas ao Leste da Ásia, e 25% dos suprimentos de petróleo da China vieram do Golfo da Guiné (CARMODY; OWUSU, 2011).

Depois de lançar o primeiro satélite espacial da Nigéria, a China ultrapassou o Reino Unido e se tornou, no fim de 2005, o segundo maior parceiro comercial da África, ficando atrás somente dos Estados Unidos, como aponta o gráfico a seguir (CARMODY; OWUSU, 2011).

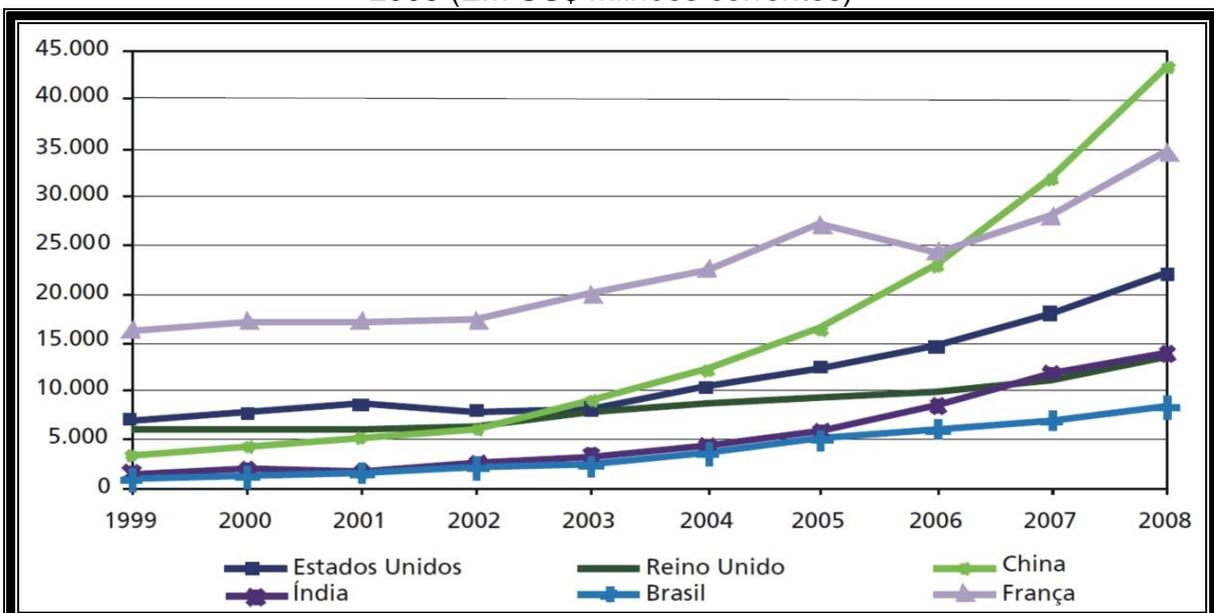
Gráfico 5 - Evolução das importações provenientes da África para países selecionados – 1999-2008 (Em US\$ milhões correntes)



Fonte: Carmody e Owusu (2011, p. 236).

Diferentemente das importações, a China se tornou a principal nação exportadora para a África desde 2007. O rápido crescimento das exportações chinesas para o continente africano fez que a diferença para as exportações francesas – segundo maior exportador para a África – saltasse de US\$ 3,8 bilhões para US\$ 8,9 bilhões – gráfico a seguir.

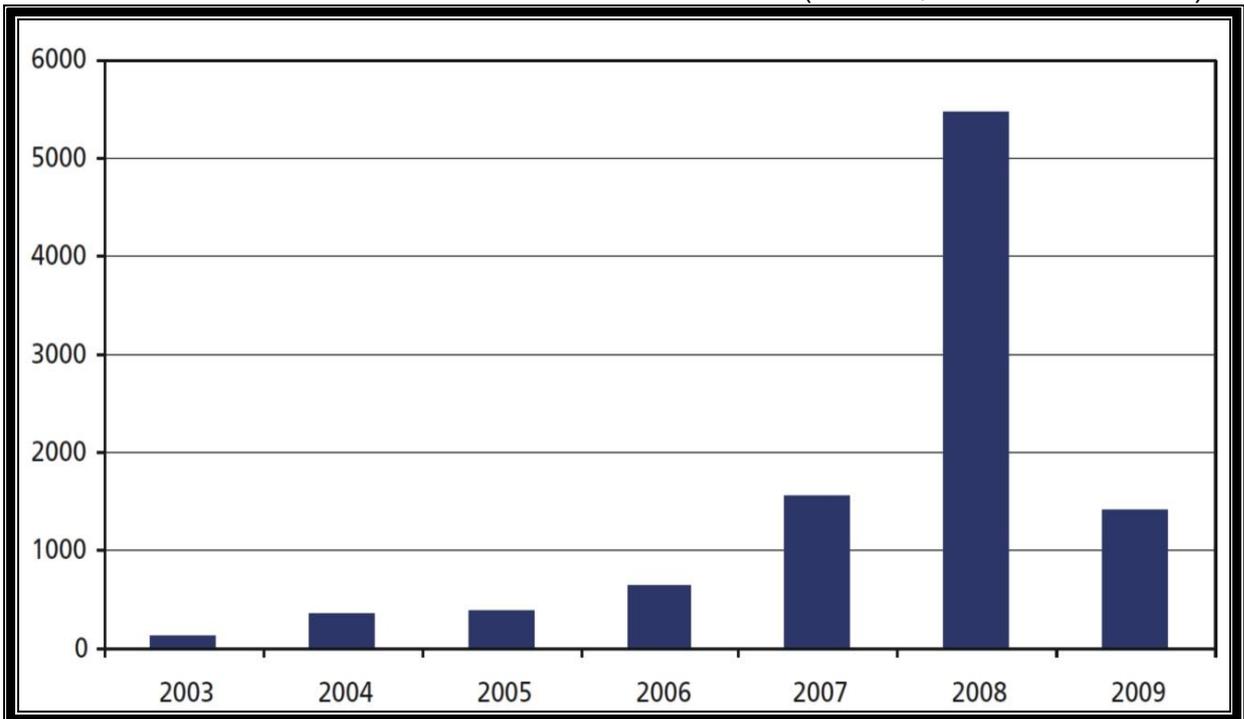
Gráfico 6 - Evolução das exportações para a África de países selecionados – 1999-2008 (Em US\$ milhões correntes)



Fonte: Carmody e Owusu (2011, p. 237).

Ligados principalmente ao setor primário da economia, nos últimos anos, os fluxos de IDE chineses para a África se multiplicaram muito rapidamente (gráfico abaixo). Se até 2005, a China não investiu mais do que US\$ 500 milhões em todo o continente africano, em 2008 os fluxos de investimentos chineses se situaram acima de US\$ 5 bilhões.

Gráfico 7 - Fluxos de investimentos chineses na África (Em US\$ milhões correntes)

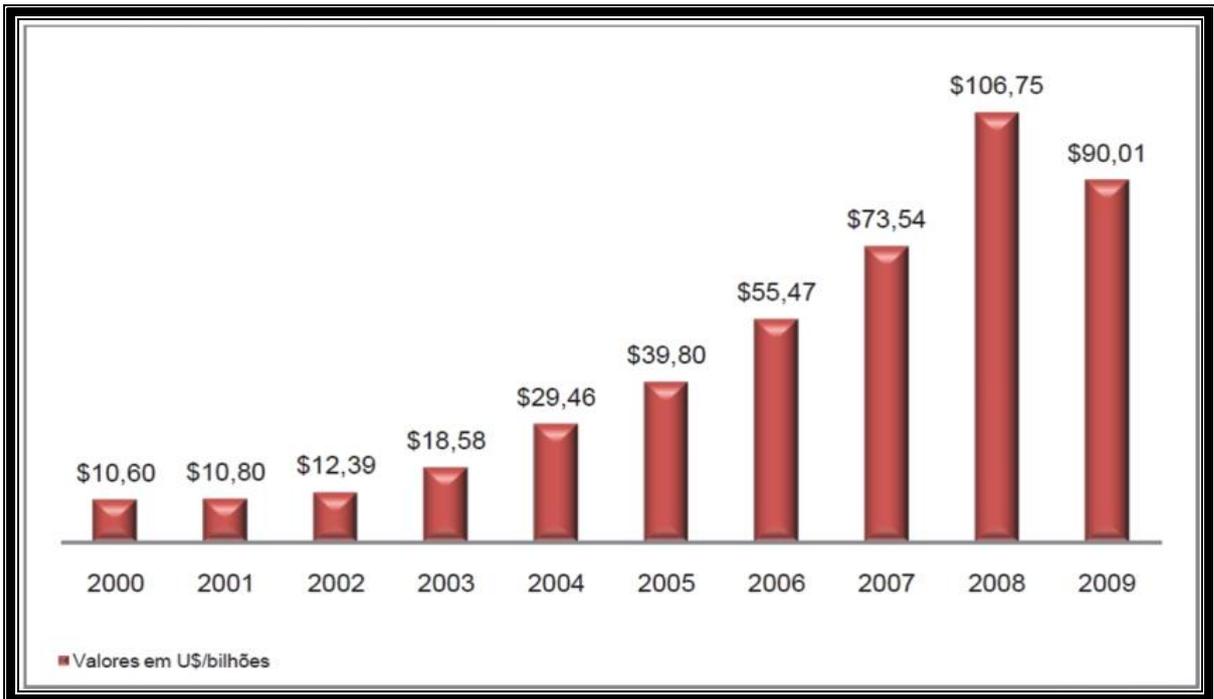


Fonte: Carmody e Owusu (2011, p. 243).

De acordo com a Tralac (Trade Law Centre for Southern Africa), o comércio sino-africano aumentou de 10,6 bilhões para 39,80 bilhões de dólares entre 2000 e 2005, chegando ao pico de 106,75 bilhões de dólares em 2008 (RYSDIYK, 2010).

No gráfico a seguir mostra-se o comércio sino-africano em bilhões de dólares entre 2000 e 2009.

Gráfico 8 - Comércio sino-africano em bilhões de dólares entre 2000 e 2009

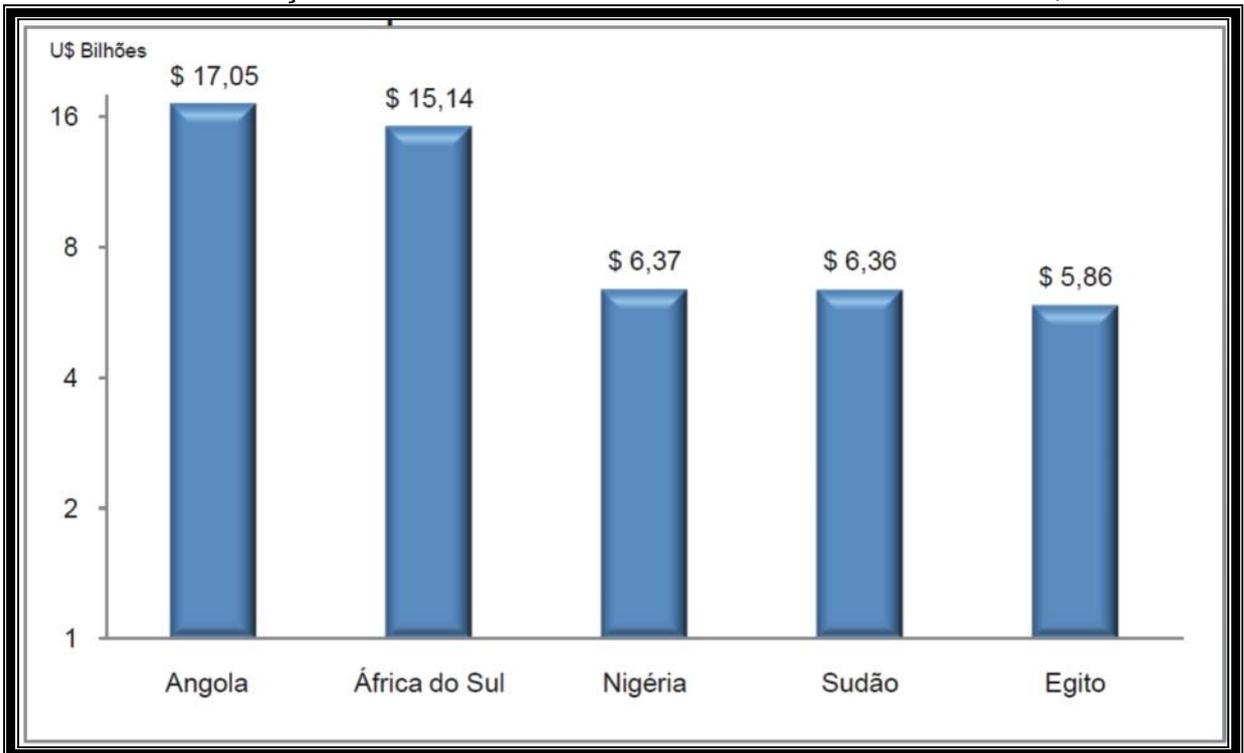


Fonte: Rysdyk (2010, p. 34).

Em 2009, o total comerciado entre as regiões foi de 90 bilhões de dólares e, apesar da queda de 16% em comparação com 2008, os chineses já haviam-se tornado o terceiro principal parceiro comercial da África, atrás somente dos EUA e da França. Nota-se que dos 90 bilhões de dólares em transações comerciais entre a China e o continente, em 2009, 56% estão concentrados em cinco países: Angola, África do Sul, Nigéria, Sudão e Egito (RYSDIYK, 2010).

No gráfico a seguir mostram-se as transações comerciais entre a China e Angola, África do Sul, Nigéria, Sudão e Egito.

Gráfico 9 - Transações comerciais entre a China e o continente Africano, em 2009

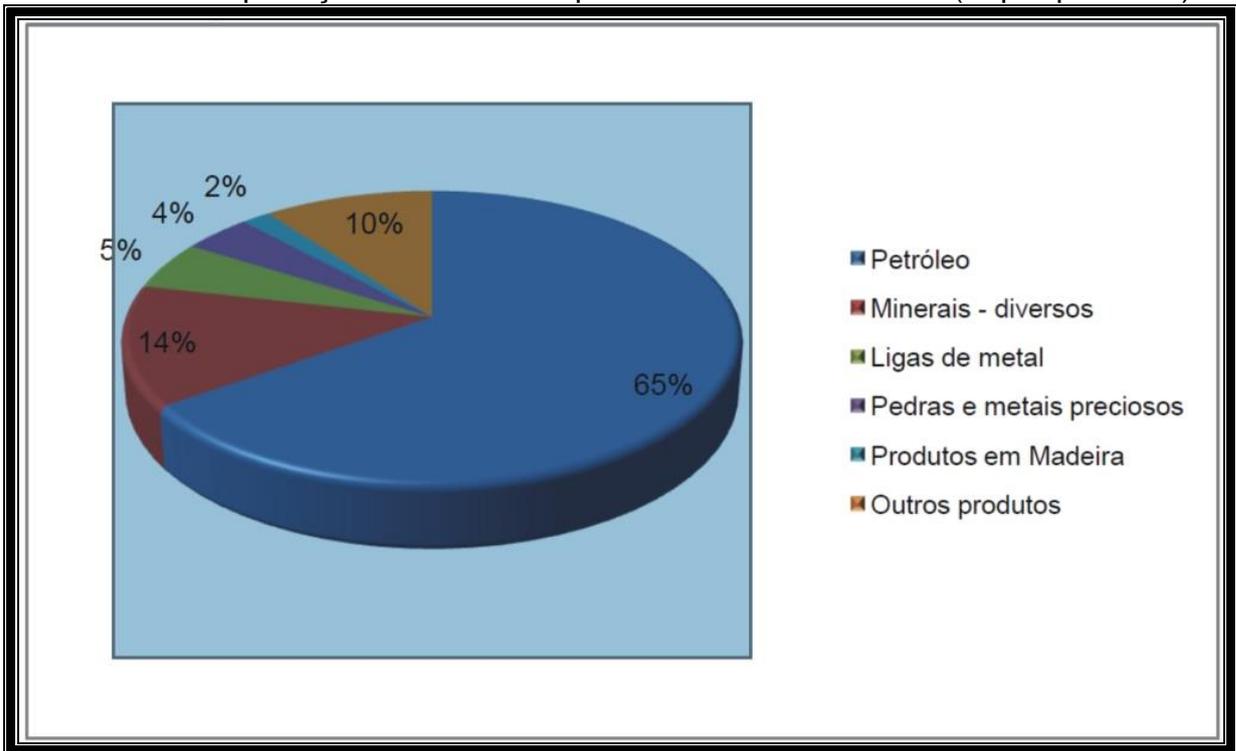


Fonte: Rysdyk (2010, p. 35).

Em 2009, do total aproximado de 42 bilhões de dólares em importações realizadas pela China de países africanos, cerca de 38 bilhões de dólares (90%) ficaram concentrados em recursos naturais, sendo 33,22 bilhões de dólares (79%) referentes a produtos minerais (dos quais 65% petróleo e 14% outros minerais); 2,26 bilhões de dólares (5%), ligas metálicas; 1,76 bilhões de dólares (4%), pedras e metais preciosos; e 740 milhões de dólares (2%), produtos de madeira. Os demais 4,31 bilhões de dólares (10%) das importações foram divididos em uma série de outros produtos, especialmente primários (RYSDIYK, 2010).

No gráfico a seguir mostram-se as importações da China de países africanos em 2009 (% por produtos).

Gráfico 10 - Importações da China de países africanos em 2009 (% por produtos)

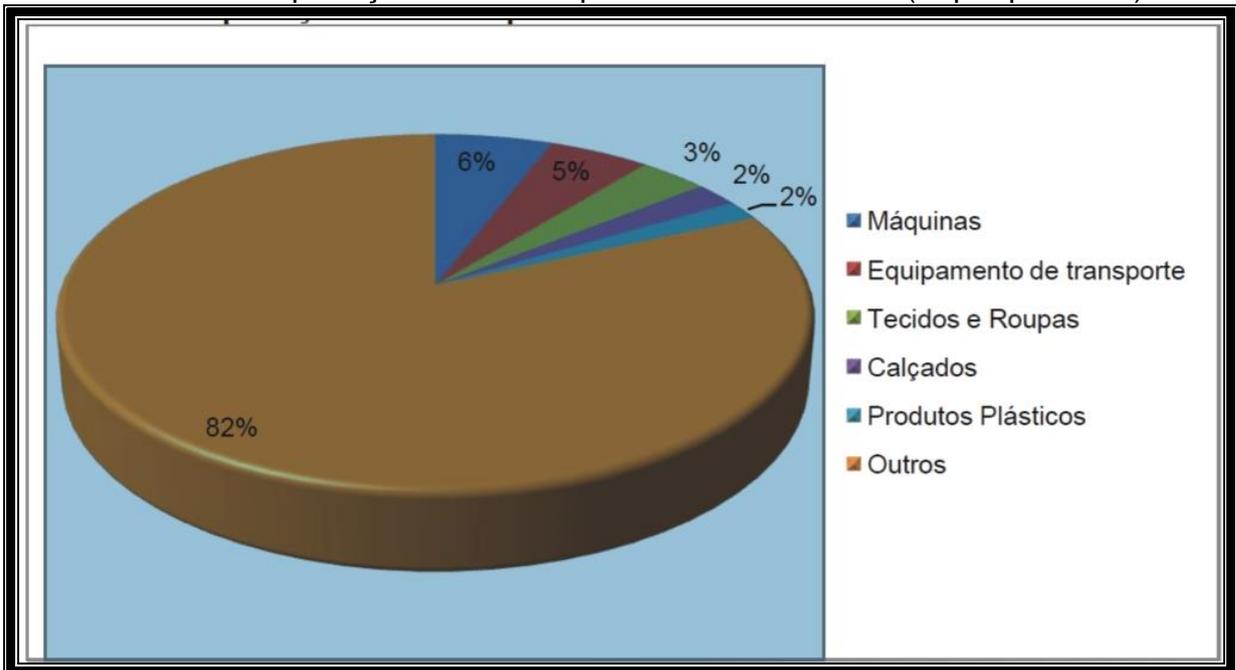


Fonte: Rysdyk (2010, p. 36).

No que tange às exportações da China para a África, a quantia total comerciada, em 2009, foi de 47,72 bilhões de dólares. Percebe-se que os cinco principais tipos de produtos representam apenas 18% do total exportado da China para a África (8,7 bilhões de dólares), demonstrando a diversidade de produtos de valor agregado: 6%, máquinas (2,78 bilhões de dólares); 5% (2,40 bilhões de dólares), equipamentos de transporte; 3% (1,63 bilhão de dólares), tecidos e roupas; 2% (1,03 bilhão de dólares), calçados; e 2% (849 milhões de dólares), produtos plásticos. Os demais 82% do volume de exportações da China para África estão divididos em diversos outros produtos, primordialmente manufaturados (RYSDIYK, 2010).

No gráfico a seguir mostram-se as exportações da China para a África em 2009 (% por produtos).

Gráfico 11 - Exportações da China para a África em 2009 (% por produtos)

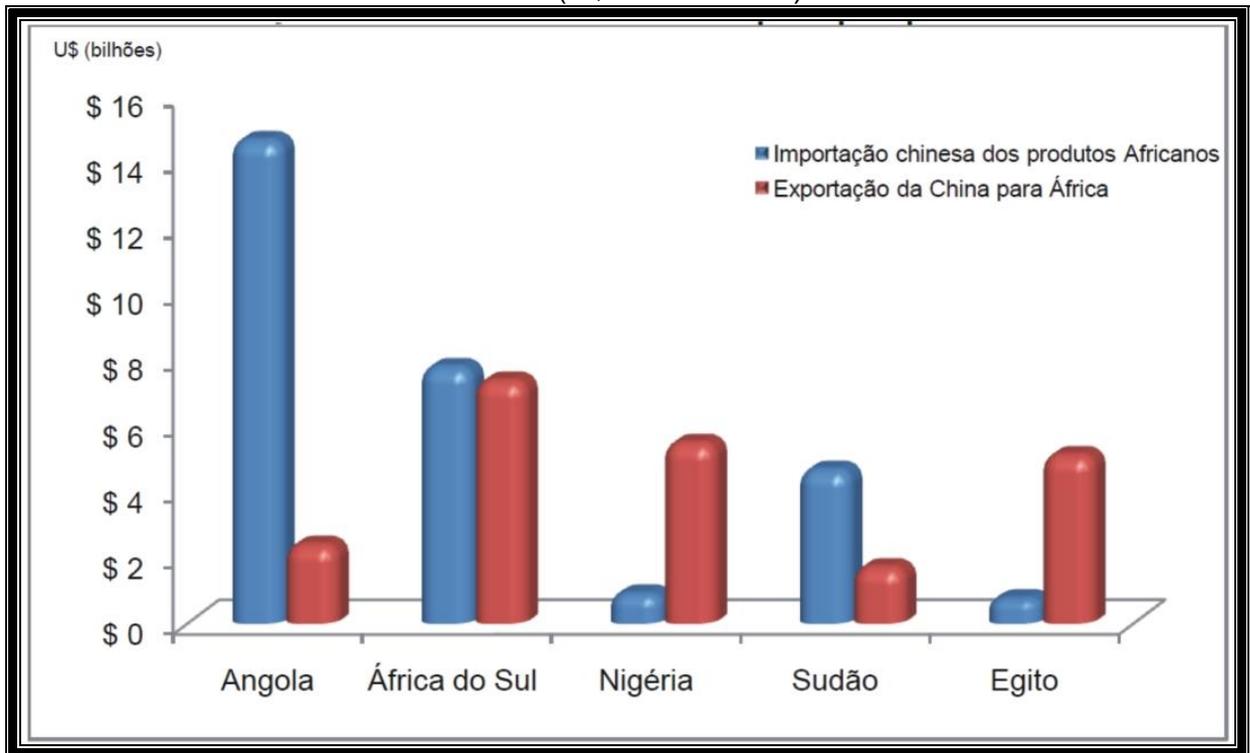


Fonte: Rysdyk (2010, p. 37).

O petróleo é o elemento central do comércio entre as duas regiões. Uma análise das exportações e importações realizadas com a China - separada por país africano -, mostra que, para as nações que não possuem reservas significativas de petróleo ou exportam esse recurso para outras regiões no mercado internacional, há um superávit bastante significativo em favor da China. Como exemplo dessa situação, pode-se observar a relação comercial da China com nações como Nigéria e Egito, as quais constam entre os cinco principais parceiros comerciais da China, em 2009 (RYSDIYK, 2010).

No gráfico a seguir mostram-se as exportações e importações realizadas entre a China e países da África em 2009 (US\$ em bilhões).

Gráfico 12 - Exportações e importações realizadas entre a China e países da África em 2009 (US\$ em bilhões)



Fonte: Rysdyk (2010, p. 39).

O comércio com esses dois países (Nigéria e Egito) está fortemente embasado nas exportações chinesas de produtos manufaturados, representando 86% (5,47 bilhões de dólares) para Nigéria e 87% (5,11 bilhões de dólares) para o Egito, do comércio bilateral entre as regiões (RYSDIYK, 2010).

Na tabela a seguir mostram-se os valores de importação e exportação da China para cinco principais parceiros comerciais na África.

Tabela 11 - Cinco principais parceiros comerciais da China na África

	Importações China da África (US\$/bilhões)	Exportações China para África (US\$/bilhões)	Total Comerciado (US\$/bilhões)
Angola	14,66	2,39	17,05
África do Sul	7,77	7,36	15,13
Nigéria	0,898	5,47	6,37
Sudão	4,66	1,7	6,36
Egito	0,752	5,11	5,86

Fonte: Rysdyk (2010, p. 39).

5 A PRESENÇA CHINESA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Segundo a história, a China e a República Democrática do Congo têm algo em comum, pois ambas foram dominadas ou colonizadas em algum momento da história. A China atraiu durante o século XX a ganância financeira do poder. Suas ambições comerciais abrangentes e repentinas levaram ao aumento dos investimentos do ocidente na China. O estado Chinês foi especialmente cobiçado pelo Japão. De fato, no final do século XIX, a China estava nas mãos de seis potências da época: Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Estados Unidos e Japão. No entanto, de todos os poderes que dominavam a China, o Japão é que tinha uma grande ambição de invasão e subjugação do mesmo, tanto que em 18 de setembro de 1931, atacou a Manchúria. Note-se que o seu poder econômico e militar garantiu-lhe os meios para esta conquista (VIRCOULON, 2008).

A cooperação entre a República Popular da China e a República Democrática do Congo (RDC) tem início a partir dos anos 1970, quando os dois países compartilhavam um interesse mútuo em equilibrar relações de poder com os países ocidentais e a União Soviética em 1973. Uma série de projetos de altos valores começaram a serem executados na RDC. O maior dos projetos foi o Palácio do Povo, para abrigar a Assembléia Nacional, no valor de cerca de US \$ 42,3 milhões e um enorme salão presidencial no parque de Mobutu na cidade de N'sele, fora da capital Kinshasa. Entre 1988 e 1993, a China construiu o monumental Kamanyola Stadium, mais tarde renomeado Mártires Stadium (VIRCOULON, 2008).

O princípio da igualdade de direitos de todos os Estados está consagrado na Carta das Nações Unidas, no segundo parágrafo do primeiro artigo. No entanto, este princípio é muitas vezes esquecido. A realidade é diferente nos países pobres que muitas vezes são vítimas de vontade imperialista e intervencionista das grandes potências. Entretanto, o princípio da igualdade investido pela China nas suas relações com a África visa garantir que vários países da região tenham o direito de participar no mesmo grau de igualdade em assuntos internacionais. Os acordos de financiamento entre a China e a RDC são em uma abordagem ganha-ganha, o que permite que cada parceiro possa esperar benefícios mútuos e recíprocos (VIRCOULON, 2008).

O gerenciamento de dependência da China de matérias-primas provenientes da RDC para apoiar seu forte crescimento é um grande desafio. Ressalta-se que a RDC é um país bemdotado de matérias-primas, tornando-se campo de prioridade de iniciativas políticas e diplomáticas para a China (CISSE, 2007).

A China é hoje um país que se eleva como uma potência econômica. Para sustentar o seu crescimento econômico, a China desenvolveu uma diplomacia ofensiva para com a RDC, país bem dotado de matérias-primas. Nesse sentido, a RDC tornou-se um país estratégico para a China transpor sua dependência de matéria-prima. Note-se que a China é marcada por uma relativa escassez de matérias-primas em seu solo, tendo uma posição de forte dependência para o seu abastecimento no exterior (CISSE, 2007).

A China é atualmente o maior importador de cobre e cobalto (principalmente da província de Katanga no RDC). Este apetite por matérias-primas provenientes da RDC, levou o Governo Chines a estabelecer modalidades de financiamento de cooperação para o desenvolvimento de infra-estrutura, para, em troca, poder explorar os recursos naturais da RDC. No entanto, a RDC não é apenas um reservatório de matérias-primas; é acima de tudo uma oportunidade para as empresas e os produtos chineses (KASONGO, 2009).

Além de garantir fontes de abastecimento de matérias-primas, a RDC tem interesse na produção comercial da China. Na verdade, aparelhos eletroeletrônicos, roupas e produtos agrícolas chineses abundam em estabelecimentos comerciais na RDC, para o deleite dos consumidores locais. A partir desta perspectiva, parece que os produtos chineses de consumo simples e barata excluem a concorrência ocidental (VIRCOULON, 2008).

Hoje, a China se tornou o maior parceiro comercial e de investimento para RDC. A cooperação entre os dois países está se expandindo também na indústria de produção de energia, de modo que a China vê na RDC um mercado que lhe permite testar alguns de seus produtos de menor valor agregado e dirigidos a mercados de menor poder aquisitivo (VIRCOULON, 2008).

Dentre a cooperação sino-congolesa, cita-se a indústria de telefone celular representado pela empresa Congo China Telecom, logotipo CTC, que cobre todo o país. Em Katanga, por exemplo, o setor de mineração tem participação notável da China com uma série de empresas chinesas, duas grandes empresas públicas e um número significativo de empresas e empresários privados.

Esta presença chinesa na região contribuiu para o aumento das exportações da RDC para a China. De acordo com a Global Witness, que se baseia nas estatísticas dos países importadores de minerais congolezes, a China é, de longe, o maior importador de cobre e cobalto de Katanga. O valor das importações chinesas provenientes da RDC foi estimado em mais de US\$ 160 milhões em 2007 (VIRCOULON, 2008).

O esforço da cooperação tem impactos reais sobre a China e o Congo. Ambos os países têm experimentado o crescimento econômico. No entanto, algumas dúvidas permanecem, especialmente quando se consideram questões como sustentabilidade do crescimento e diversificação das exportações (HELLENDORFF, 2011).

Entre 2003 e 2008, a economia da RDC tem experimentado uma taxa média de crescimento anual de 6,38%, impulsionado pelo fim da guerra e por um aumento sustentado dos preços das commodities. Depois de um abrandamento registrado em 2009 (2,8%), o crescimento econômico se recuperou para 7,1 % em 2010, e 6,9% em 2011, 7,2% em 2012, 8,5% em 2013 e 9,5% em 2014. Considerando a forte dependência da RDC em minerais para as suas exportações, parece que a partir do impacto do crescimento da economia chinesa frente os preços das commodities, a RDC tenha mais benefícios em termos de crescimento econômico. Mas isso também significa que, se os preços das commodities caírem, a RDC terá dificuldades (HELLENDORFF, 2011).

5.1 A ASSINATURA DO ACORDO CHINA-RDC

Como dito anteriormente, a China está em franco crescimento e dependente de matéria prima, e a RDC tem dificuldades econômicas, precisando de aporte financeiro e possuindo matéria prima em abundância. Esses fatores levaram a China e RDC efetivarem um acordo de cooperação. É importante notar que o acordo de cooperação entre a RDC e o grupo de empresas chinesas formado por China Railway Engineering Corporation Ltd (CREC), Sinohydro Corporation e EXIM Bank of China se firma no intuito de desenvolver um projeto de mineração e um projeto de

infraestrutura na RDC, ou seja, a China faz os investimentos e a RDC permite a extração de minério (VIRCOULON, 2008).

Conforme os acordos de cooperação referidos acima, foram acordados e aprovados os objetivos a serem atingidos pelo uso dos recursos necessários para a realização dos projetos nacionais de infraestrutura, significativamente importantes e urgentes para a RDC, e de investimento no campo da metalurgia no território da RDC (KASONGO, 2009).

Observando detalhadamente o contrato RDC-China, percebe-se que duas empresas chinesas, China Railway Engineering Corporation Ltd (CREC) e Sinohydro, se comprometeram a construir, entre outras, 3.000 km de estradas, ferrovias, 31 hospitais de 150 leitos, 145 centros de saúde, quatro universidades, etc. A RDC esperava resultados no curto prazo, representando meios para a sua rápida recuperação: estradas permitindo a circulação de pessoas e bens, a abertura das províncias etc. No entanto, isentas de impostos, as empresas chinesas não contribuíram para o orçamento do Estado congolês. As partes acordaram em estabelecer, no âmbito da mineração, uma empresa de joint venture que envolveria uma sociedade de direito congolês, as empresas chinesas do grupo e também as empresas congoleas designadas pelo governo. A participação das partes no capital social da empresa é seguinte: China com 68% e 32% do lado congolês (KASONGO, 2009).

A repartição do lucro operacional ocorre em três etapas: a primeira etapa, chamada amortização do investimento mineiro, durante a qual todo o lucro operacional é usado para pagar a amortização do investimento industrial e de mineração extrativista, incluindo juros; o segundo passo, chamado de reembolso ou pagamento de obras de infraestrutura, durante o qual 66% da receita operacional líquida da empresa joint venture foi utilizado para o pagamento e reembolso de obras de infraestrutura concluída, enquanto 34% foi distribuído proporcionalmente entre as partes, estando o montante total de pagamento do trabalho programado para US \$ 3 bilhões; com respeito ao terceiro estágio, chamado exploração comercial ou reembolso e amortização de todos os investimentos de desenvolvimento de infraestrutura de mineração durante esta fase, a joint venture cumpriu com a legislação congolea em vigor fiscal e aduaneiro, ou seja, o código de investimento e o código de mineração. No longo prazo, a China pode desfrutar de um acesso privilegiado aos recursos do Congo (incluindo petróleo e agricultura). A

RDC pretende tornar esta cooperação uma alavanca para a sua reconstrução, especialmente na realização das "cinco obras da República" (KASONGO, 2009).

Sobre as cinco obras citadas, discorre-se na seção a seguir.

5.2 AÇÕES CHINESAS NA RDC

No final das eleições livres e democráticas em 2006, o presidente eleito da RDC teve a ideia de oferecer ao povo congolês uma visão dinâmica para o Congo, vinculada à ideia de "cinco obras da República." Este é, na verdade, um único programa de governo, baseado principalmente em infraestrutura de comunicação e rotas básicas (estradas, ferrovias, aeroportos e portos, hidrovias, água e electricidade, a saúde e a educação, habitação e emprego).

É nesse texto específico que as necessidades prioritárias surgiram, a partir da reconstrução deste país devastado por anos de guerra. Este programa ambicioso e necessário precisava de uma contribuição significativa de capital. Para o presidente Joseph Kabila encontrar financiamento adicional para lançar os cinco projetos para a modernização da RDC, precisava rapidamente desse financiamento, e de obtê-lo em condições mais favoráveis, com menores juros. Para tanto, solicitou a ajuda da China (PRÉSIDENTIELL, 2008, p. 4).

No entanto, o financiamento chinês para a RDC tem a seguinte característica: os fundos não estão diretamente emprestados ao Governo da RDC, mas o governo chinês determinou as empresas de construção chinesas, nomeadamente a China Railway Engineering Corporation (CREC) e Sinohydro, recebendo o apoio do Banco EXIM da China, o maior banco de investimento chinês para realizar os projetos de grandes infraestruturas de acordo com o governo da RDC. Tendo em consideração o fornecimento de infraestrutura, a RDC permite às empresas chinesas extrair recursos naturais (minerais), através da aquisição de participações em empresas ou licenças nacionais (KASONGO, 2009).

O programa de reconstrução abrange: a infraestrutura como uma necessidade básica da vida, bem como econômica e social, saúde e educação que garantam uma vida saudável, social e economicamente produtiva. Água e electricidade são necessidades, tanto para a vida humana e para a economia;

habitação, que é um elemento da dignidade humana, e, assim, contribui para a melhoria das condições de vida da população. Além da assistência financeira para o desenvolvimento que permite a China ganhar a confiança dos dirigentes congolese, a China fornece bolsas de estudo e estágios para estudantes congolese; formam as autoridades congolese em vários setores e envia especialistas para a RDC (CISSE, 2007).

A força da China está na implementação também em concretizar projetos. Ou seja, atualmente, a China é um país capaz de enviar vários milhares ou dezenas de milhares de trabalhadores para qualquer parte do continente, a fim de completar um canteiro de obras gigante em um momento e a preços recordes (PRÉSIDENTIELL, 2008).

A construção de infraestrutura é um dos meios utilizados pela China para a sua penetração na política na RDC. A China continua a construir, em favor da República Democrática do Congo, o hospital do N'djili amizade sino-congolese, em Kinshasa; trata-se de um importante exemplo. A experiência chinesa na construção de obras públicas e de infraestrutura é, de fato, um meio estratégico da China penetrar na RDC. Ela também usa de meios políticos e diplomáticos (KASONGO, 2009).

O Presidente Kabila deu autorização para a construção de várias estradas, e projetos nas cidades, a serem realizados pela empresa chinesa Railways. Como parte das empresas chinesas tem compromisso com o pré-financiamento, a infraestrutura e as obras, até setembro de 2008 cerca de U\$ 400.000.000 foram apresentados pela China Railways para materiais, juntamente com uma equipe de 200 a 300 profissionais da China para desenvolver os planos do projeto.

No dia 24 de julho de 2010, durante uma visita a Kinshasa dos chineses Conselheiros de Estado, foi anunciado acordo econômico de CNY 100 milhões (cerca de US\$ 15 milhões), dos quais metade é designada como doação e a outra metade como um empréstimo incondicional. Além dos empréstimos, a China geralmente dá uma doação anual para ser gasto em projetos propostos pela Presidência da RDC. Exemplos desses projetos incluem Bukuvu Kavumu the-road e o hospital N'Djili.

Na tabela abaixo mostra-se em que se aplica a ajuda chinesa à RDC, conforme o orçamento de 2010.

Tabela 12 - Ajuda chinesa em empréstimos para a RDC (orçamento de 2010)

Setor	Rubrica orçamental específica	Comprometimento US \$	% Do total do setor Financiamento	tipo
transporte	Railways	195 400 916	99	Empréstimo
infra-estrutura	Construção de estradas / reabilitação	396 642 159	78	Empréstimo
Agricultura	500 tratores	26 405 529	76	Empréstimo
energia	sector da água	26 405 529	28	Empréstimo
energia	setor elétrico	190 088 699	25	Empréstimo
Defesa	assistência militar	2 313 124	7	doação
saúde pública	Reabilitação dos Hospitais	15 315 207	6	Empréstimo

Fonte: Orçamento do Estado RDC (2010).

O calendário para liberar o financiamento de US\$ 3 bilhões como parte do acordo Congo-China foi o seguinte:

Tabela 13 - Calendário liberação de US\$ 3 bilhões acordo Congo-China (2009-2012)

2009	janeiro-junho	US \$ 350 milhões
	Julho-dezembro	US \$ 400 milhões
2010	janeiro-junho	US \$ 500 milhões
	Julho-dezembro	US \$ 500 milhões
2011	janeiro-junho	US \$ 350 milhões
	Julho-dezembro	US \$ 400 milhões
2012		US \$ 500 milhões

Fonte: PRÉSIDENTIELL (2008, p.11).

Os cinco projetos pagos pelo dinheiro lançado no primeiro semestre de 2009 incluem a construção do hospital "cinquentenário" em Kinshasa. O trabalho sobre o hospital começou em maio de 2009. Os outros quatro projetos são todos

remodelações de estradas principais. Eles incluem a maior via de Kinshasa, o Boulevard de 30 de junho; a Avenue du Tourisme, novamente na capital, que se estende ao longo das margens do rio Congo; uma estrada de várias centenas de quilômetros de Beni, no Norte, província de Kivu, para a cidade de Nia (província Oriental); e uma estrada de Lubumbashi, no coração do cinturão de cobre da Zâmbia Katangan, para a fronteira nordeste (PRÉSIDENTIELL, 2008).

5.3 RDC – COMÉRCIO EXTERIOR COM CHINA

A economia congoleza tem mostrado bom desempenho geral, traduzido em expressivas taxas reais de crescimento. A RDC cresceu 7,2% em 2010 e 6,9% em 2011. Em 2012, a RDC cresceu 7,1%. Embora o desempenho do setor mineral seja prejudicado por deficiências de infraestrutura, a entrada em operação de novas minas tem alavancado o setor, que se tem beneficiado de vultosos investimentos externos, particularmente da China, seu principal parceiro comercial (RDC, 2016).

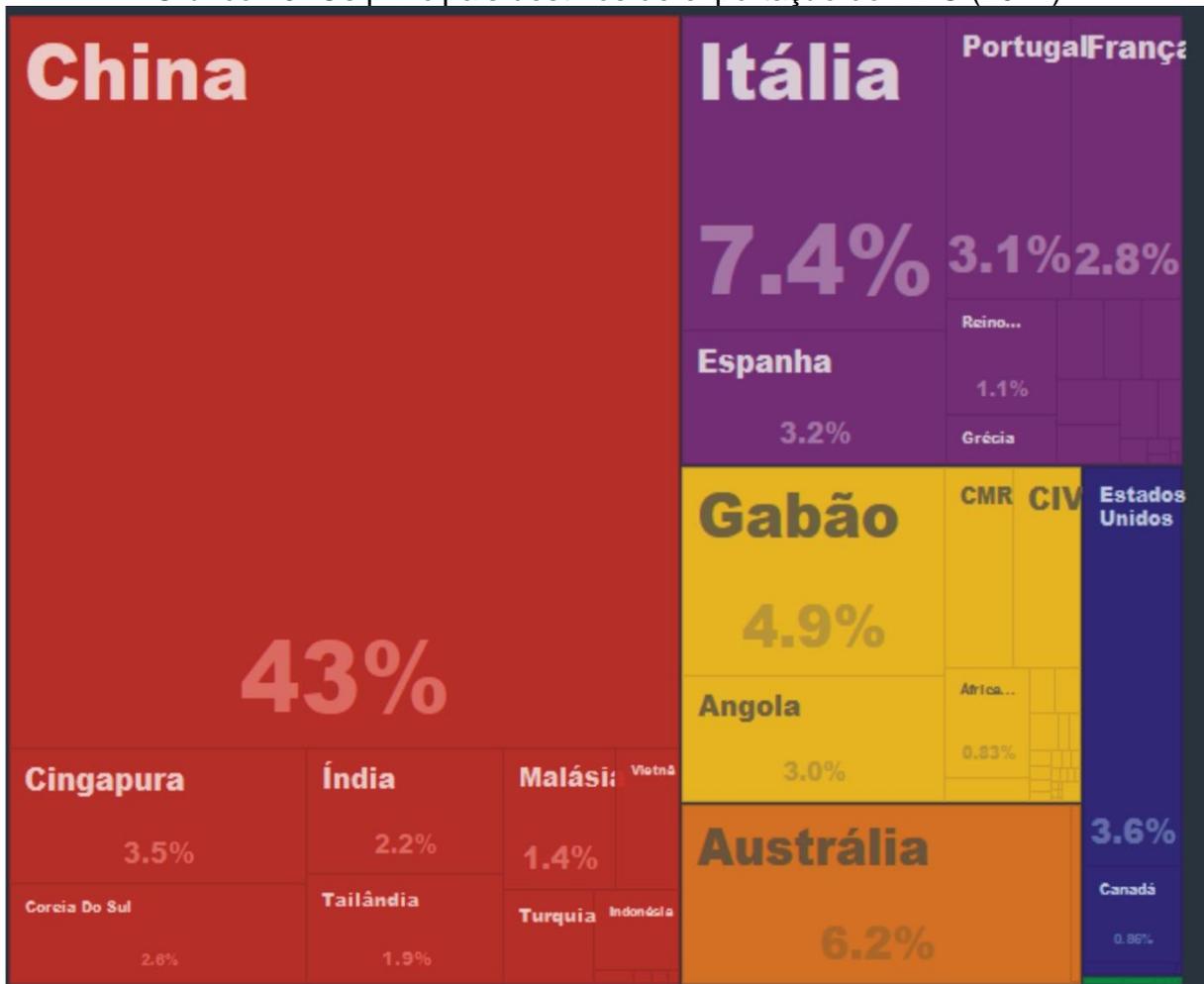
As estimativas indicavam que, no biênio 2013-2014, o PIB congolês deveria lograr expansão real de 7% ao ano; em 2013 foi de 8,5% e, em 2014, de 9,5%. De 2007 a 2011, o comércio exterior da RDC passou por mudanças estruturais, ao alcançar posição superavitária em sua balança comercial desde 2010, em função da gradativa incorporação à oferta de crescentes quantidades de produtos minerais (RDC, 2016).

Percebe-se que a RDCongo importa mais produtos da China do que exporta, os únicos produtos que foram exportados para a China são os produtos de minerais. Isso mostra claramente como o setor mineral é muito relevante para a economia da República Democrática do Congo. Com a entrada da China no setor de minas da RDCongo, ela passa a influenciar a economia desse país, de alguma forma. Isso mostra, sobretudo, que a pauta de exportações da China para a RDC é muito mais diversificada, e abrange produtos de maior valor agregado, do que a pauta de exportações da RDC para a China (RDC, 2016).

Os principais destinos de exportação do RDC são a China (\$4,84 Bilhões), a Itália (\$823 Milhões), a Austrália (\$694 Milhões), o Gabão (\$542 Milhões) e o Estados Unidos (\$397 Milhões) (OEC, 2016).

O gráfico a seguir mostra os principais destinos de exportação do RDC em 2014.

Gráfico 13: Os principais destinos de exportação do RDC (2014)



Fonte: OEC (2016).

A RDC é a 101ª maior economia de exportação no mundo e, quanto à complexidade da economia, ocupa o 137º, de acordo com o Índice de Complexidade Econômico (ICE). Em 2014, a RDC exportou US \$ 6,69 Bilhões e importou US \$ 6,41 Bilhões, resultando em um saldo comercial positivo de US \$ 279 Milhões. Em 2014, o PIB da RDC foi de US \$ 33,1 Bilhões e seu PIB per capita foi de US \$ 745 (OEC, 2016).

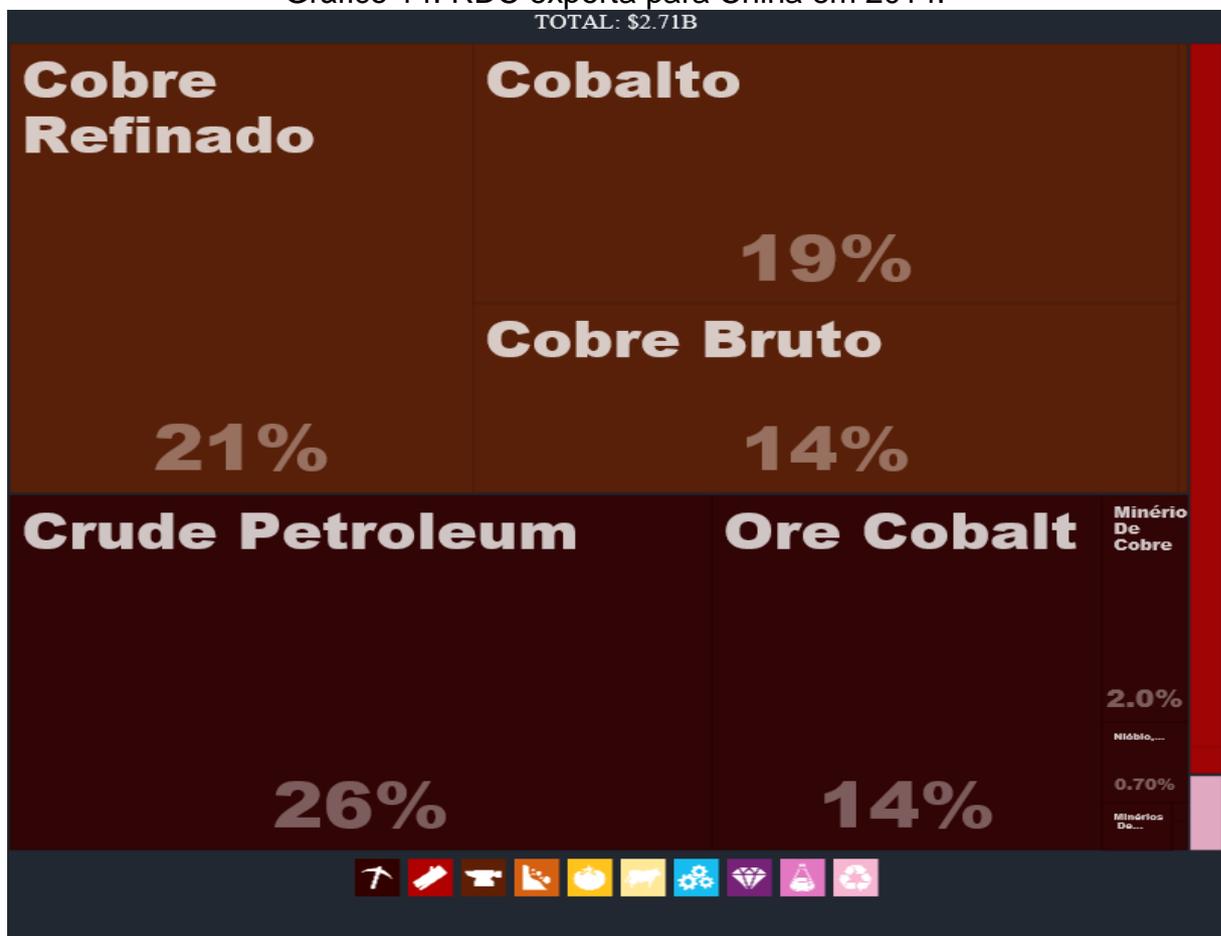
As exportações principais da RDC são Cobre refinado (\$2,12 Bilhões), Minério de cobre (\$1,25 Bilhões), petróleo bruto (\$875 Milhões), Cobalto (\$752 Milhões) e minério de cobalto (\$589 Milhões). Suas principais importações são Petrolíferos refinados (\$342 Milhões), Ácido sulfúrico (\$217 Milhões), Medicamentos

embalados (\$171 Milhões), Máquinas de terraplanagem (\$132 Milhões) e Tabaco Rolled (\$127 Milhões) (OEC, 2016).

Os principais destinos de exportação do RDC são a China (\$2,71 Bilhões), a Zâmbia (\$1,43 Bilhões), a Itália (\$604 Milhões), a Coreia do Sul (\$256 Milhões) e a Finlândia (\$241 Milhões). As origens de importação são a China (\$1,35 Bilhões), a África do Sul (\$1,35 Bilhões), a Zâmbia (\$757 Milhões), Bélgica-Luxemburgo (\$427 Milhões) e a Tanzânia (\$281 Milhões) (OEC, 2016).

O grafico a seguir mostra os principais produtos que a RDC exportou para a China em 2014.

Gráfico 14: RDC exporta para China em 2014.



Fonte: OEC (2016).

Dos \$ 2,71 bilhões de exportações para a China em 2014, \$ 693 milhões referem-se a petróleo bruto, \$ 576 milhões referem-se a cobre refinado, \$ 507 milhões a cobalto, \$ 371 milhões a cobre bruto e \$ 386 milhões a minério de cobalto (OEC, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que os objetivos do trabalho foram alcançados, pois descreveu-se sobre a República Democrática do Congo e sua trajetória desde sua independência; donde verificou-se que A República Democrática do Congo (RDC) é um país da África central, também conhecido como Congo-Kinshasa. A RDC é o segundo maior país da África. O crescimento econômico do Congo Belga se deu significativamente (através da produção de cobre e diamante), mas atendendo interesses coloniais e capital estrangeiro, não respondendo principalmente as necessidades da população. A economia vem crescendo na RDC. Desde 2003, a taxa de crescimento foi superior a 5%, com exceção de 2009, quando a atividade econômica recuou frente uma queda na demanda global de matérias primas.

No tocante a especificar a participação Chinesa na África, descrevendo algumas das participações mais significativas, verificou-se que pode-se remontar até a Conferência de Bandung para focalizar a trajetória da projeção chinesa na África, notadamente na sua porção subsaariana. Devido principalmente aos investimentos chineses em petróleo e à ampliação de sua demanda por minerais, a África registrou uma taxa de crescimento econômico de 5,2% em 2005, a maior nos últimos tempos. Diferentemente das importações, a China se tornou a principal nação exportadora para a África desde 2007. Se até 2005, a China não investiu mais do que US\$ 500 milhões em todo o continente africano, em 2008 os fluxos de investimentos chineses se situaram acima de US\$ 5 bilhões. De acordo com a Tralac (Trade Law Centre for Southern Africa), o comércio sino-africano aumentou de 10,6 bilhões para 39,80 bilhões de dólares entre 2000 e 2005, chegando ao pico de 106,75 bilhões de dólares em 2008.

Em 2009, do total aproximado de 42 bilhões de dólares em importações realizadas pela China de países africanos, cerca de 38 bilhões de dólares (90%) ficaram concentrados em recursos naturais, sendo 33,22 bilhões de dólares (79%) referentes a produtos minerais (dos quais 65% petróleo e 14% outros minerais); 2,26 bilhões de dólares (5%), ligas metálicas; 1,76 bilhões de dólares (4%), pedras e metais preciosos; e 740 milhões de dólares (2%), produtos de madeira. Os demais 4,31 bilhões de dólares (10%) das importações foram divididos em uma série de outros produtos, especialmente primários.

No que tange às exportações da China para a África, a quantia total comerciada, em 2009, foi de 47,72 bilhões de dólares. Percebe-se que os cinco principais tipos de produtos representam apenas 18% do total exportado da China para a África (8,7 bilhões de dólares), demonstrando a diversidade de produtos de valor agregado: 6%, máquinas (2,78 bilhões de dólares); 5% (2,40 bilhões de dólares), equipamentos de transporte; 3% (1,63 bilhão de dólares), tecidos e roupas; 2% (1,03 bilhão de dólares), calçados; e 2% (849 milhões de dólares), produtos plásticos. Os demais 82% do volume de exportações da China para África estão divididos em diversos outros produtos, primordialmente manufaturados.

No tocante a apresentar aspectos econômicos da presença chinesa na RDC, tem-se que, a China está em franco crescimento e dependente de matéria prima, o RDC tem dificuldades econômicas, precisa de aporte financeiro e possui matéria prima em abundância. Esses fatores levaram a China e RDC efetivarem um acordo de cooperação. A China se comprometeu a construir, entre outras, 3.000 km de estradas, ferrovias, 31 hospitais de 150 leitos, 145 centros de saúde, quatro universidades, etc. A contrapartida congoleza é de 10 milhões de toneladas de cobre e cobalto.

Referente ao fluxo de comércio bilateral, em 2014, a China exportou para a RDC 1,35 bilhões e importou 2,71 bilhões.

Para fazer e concluir este trabalho teve-se muitas dificuldades em encontrar material para a construção do mesmo, o que levou ao autor a utilizar muitas horas em pesquisa, envolvendo enorme desgaste. Primeiro pela escassez de material e conteúdo referente e relevante para se aproveitar; depois, devido grande parte das informações estarem em Inglês e Francês, pois a tradução fica truncada e principalmente as informações econômicas, com dificuldades em saber qual a moeda utilizada, peso e medidas, como também, informações desencontradas entre fontes pesquisadas, enfim dificultando em muito a pesquisa,

Contudo, em uma conclusão bem sucinta, verifica-se que mesmo com a enormidade do investimento chinês frente à mineração no Congo, existe uma enorme pobreza da população.

Nesse sentido, verifica-se que a importância para a RDC dessa relação mais estreita com a China, é que a Republica Democrática do Congo além de conseguir valorizar os seus recursos naturais nas negociações no mercado internacional,

porque antes que a China se aproximasse, só o ocidente tinha o monopólio nas negociações, ou seja, os países do ocidente davam o preço e compravam. Agora também com a China no mercado, a RDC consegue negociar de igual para igual com os compradores do ocidente. Além, disso, a RDC conseguiu se beneficiar de grandes projetos de infraestruturas no país, algumas cidades estão sendo modernizadas, algumas regiões do país estão sendo reconectadas com as outras, pois não existiam estradas em boas condições para poder fazer uma viagem com segurança. Por causa da intrasitabilidade das estradas, muitas pessoas perderam a vida nas viagens de carros ou ônibus, mas hoje em dia, essas estradas não representam mais tanto perigo.

Sobre a situação social na Republica Democrática Do Congo, infelizmente essa aproximação com a China não teve o impacto real esperado para a vida da população. A mesma continua na mesma condição de vida que tinha antes. Nada mudou positivamente na vida da população, principalmente quanto aos desempregos. Quando o acordo foi assinado muitos pensavam que uma vez as empresas Chinesa instaladas na RDCongo, empregar-se-ia a mão de obra congoleza, mas infelizmente não foi isso que aconteceu. As empresas Chinesas vieram com a mão de obra Chinesa. Comparativamente com as empresas americanas ou europeias, grande parte destas não conseguiram aguentar a concorrência com as empresas Chinesas e fecharam as portas. Contudo, estas não vinham com a mão de obra americana ou europeus, eles empregavam a mão de obra local. Com esse modo de atuação das empresas Chinesas, essa aproximação ajudou insignificamente a vida social dos Congolezes.

Como já assinalado anteriormente, o trabalho de pesquisa sobre a RDC está sucinto, principalmente pelo pouco tempo e dificuldades encontradas, e não se esgota por aqui. Nesse sentido, o pesquisador pretende continuar essa pesquisa, em possível mestrado, para poder aprofundar ainda mais esse assunto.

REFERÊNCIAS

AIRAULT, Pascal. **Laurent-Désiré Kabila devient le maître de Kinshasa (17/20)**. France: L'opinion, 2015. 10 p. 20 mai 1997: Laurent-Désiré Kabila devient le maître de Kinshasa (17/20). Disponível em: <<http://www.lopinion.fr/11-aout-2015/20-mai-1997-laurent-desire-kabila-devient-maitre-kinshasa-1720-27019>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1960 - Com ajuda da CIA, Mobutu aplica golpe de Estado na República do Congo**. Brasil: Operamundi, 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/31201/hoje+na+historia+1960+-+com+ajuda+da+cia+mobutu+aplica+golpe+de+estado+na+republica+do+congo.shtm>>. Acesso em: 7 maio 2016.

BCC. Banco Central do Congo, 2015. Disponível em: <http://www.cd.undp.org/content/dam/dem_rep_congo/docs/MDG/UNDP-CD-RNOMD%202015%20RDC.pdf>. Acesso em set. 2016.

CARMODY, Padraig; OWUSU, Francis. A expansão da china para a África: interesses e estratégias. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa; ACIOLY, Luciana (orgs.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília : Ipea, 2011.

CISSE, Mbaye. **L'affirmation d'une stratégie de puissance: la politique africaine de la Chine**. Senegal: Diploweb, 2007. 27 p.

CLEMENT. **le bras de fer entre la Chine, la RDC et le FMI: la révision des contrats chinois en RDC**. 2. ed. Bruxelas: de Standaard, 2010. Disponível em: <<http://www.ua.ac.be/objs/00280287.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

CONGO-KINSHASA. **República Democrática do Congo**. Disponível em: <<http://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/czaire.htm>>. Acesso em set. 2016.

DUCITOYEN, La Librairie. **Le 1er conflit du Zaïre 1996-1997**. France: La Documentation Française, 2004. 5 p. Le 1er conflit du Zaïre 1996-1997. Disponível em: <<http://www.ladocumentationfrancaise.fr/dossiers/d000098-le-conflit-des-grands-lacs-en-afrique/le-1er-conflit-du-zaire-1996-1997>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

FINANCE (Suisse). **China investiu \$ 150.400.000.000 em África subsaariana entre janeiro de 2006 e julho de 2014**. 2014. Disponível em: <<http://www.agenceecofin.com/investissement/1911-24450-la-chine-a-investi-150-4-milliards-en-afrique-subsaharienne-entre-janvier-2006-et-juillet-2014>>. Acesso em: 20 maio 2016.

FRANCOPHONIE. **Congo kinshasa**. 3. ed. Canada: Ulaval, 2015.

GALE, Thomson. **Congo, Democratic Republic of the (DROC)**. Estados Unidos: Worldmark Encyclopedia Of Nations, 2007. 9 p. Disponível em: <http://www.encyclopedia.com/topic/Democratic_Republic_of_the_Congo.aspx> acessado em 4/05/2016.

GALEANO, Eduardo. **As guerras mentem**. 2001. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/portada/Coltan/regalo/envenenado/Congo/elpepusoc eps/20081214elpepspor_9/Tes>. Acesso em: 17 maio 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991

GOMAESPERANCE.ORG. **La République Démocratique du Congo** 2013 Disponível em <http://www.gomaesperance.org/index.php?option=com_content&view=article&id=75:la-r-d-c&catid=79&Itemid=471&showall=&limitstart=1> acessado em 09/04/2016.

HAVE; BURGE. **Coltan Mining in the Democratic Republic of Congo**. 2003. Disponível em: <http://www.vodafone.com/etc/medialib/attachments/cr_downloads.Par.74638.File.da t/F FI_Coltan_report.pdf>. Acesso em: 8 maio 2015.

HELLENDORFF, Bruno. **China and DRC: Africa's Next Top Models?** Bruxel: Université Catholique de Louvain, 2011. Disponível em: <<https://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/pols/documents/NA13-INBEV-ALL.pdf>> acessado em 01/04/2015

INVESTDRC.CD: **Contribution à l'activité économique par secteur (en %)**. Disponível em www.investindrc.cd/fr/spip.php?article107 > acessado em 21/05/2016.

IVAIRSWORDPRESS.COM. **África Subsaariana mostra avanço no Relatório "Doing Business 2016"**. 31/10/2015 Disponível em: <<https://ivairs.wordpress.com/2015/10/31/africa-subsaariana-mostra-avancos-no-relatorio-doing-business-2016/>> acessado em 27/05/2016.

JEAN-MARC, Paty. **Léopold II, saigneur du Congo**. France: L'express, 1998. Disponível em: <http://www.lexpress.fr/informations/leopold-ii-saigneur-du-congo_631315.html>. Acesso em: 1 mar. 2015.

JIANHAI, B.; ZWEIG, D. China's global hunt for energy. **Foreign affairs**, vol. 84, n. 5, p. 25-38, 2005.

KASONGO, Arsène Monga. **Le rôle de la chine dans le processus de reconstruction en République Démocratique du Congo**. Lubumbashi: Université de Lubumbashi, 2009. Disponível em: <<http://www.memoireonline.com/04/11/4407/Le-rle-de-la-chine-dans-le-processus-de-reconstruction-en-Republique-Democratique-du-Congo.html>>. Acessado em 12/04/2016.

KUTSHIENZA, Faustin. **Massacres des réfugiés hutus au Congo**: Laurent-Désiré Kabila les reconnaît. 1999. Disponível em: <<http://www.congonline.com/Forum1/Forum01/Kutshienza29.France: Afriqu'info Asbl, 1999>> acessado em 23/04/2016

LAKATOS. **Referencial teórico**. 2003. Disponível em: <http://fio.edu.br/manualtcc/co/6_Referencial_Teorico.html>. Acesso em: 7 abr. 2016.

LAROUSSE, Dicionário. **L'Afrique subsaharienne**. 21. ed. France: La Rousse, 2010.

LOKONGO. **Relations Chine-RDC: Enjeux de l'heure**. Kinshasa: Université de Kinshasa, 2016. Disponível em: <<http://lesoldatdupeuple.over-blog.com/2016/04/relations-chine-rdc-enjeux-de-l-heure.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

MAS, Monique. De Mobutu à Kabila: Les deux guerres du Congo (1996-1998): République démocratique du Congo. **Rfi**. France. 10 jul. 2006. Disponível em: <http://www1.rfi.fr/actufr/articles/079/article_44913.asp>. Acessado em 16/05/2016.

MENEZES, Gustavo Rocha de. **As novas relações sino-africanas: desenvolvimento e implicações para o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2013.

MICHE, Nicolas. **RDC: Léopold II, ce bourreau aux 10 millions de victimes**. France: Jeune Afrique, 2015. Disponível em: <<http://www.jeuneafrique.com/mag/262331/culture/rdc-leopold-ii-ce-bourreau-aux-10-millions-de-victimes/>>. Acesso em: 5 maio 2016.

MINES. New York And London, 2003. Disponível em: <<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2003/cfmyb03.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

MINISTER DE MINE, 2013. Disponível em: <http://www.mines-rdc.cd/fr/documents/Statistiques/stat_min_2003_2012.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2016.

MIRANDA, Érica Faustino de. **República Democrática del Congo: Situación de los niños y niñas**. 2. ed. Madrid: Comisión Española de Ayuda Al Refugiado, 2013. Disponível em: <<http://cear.es/wp-content/uploads/2013/10/R-D.-CONGO.-2013.-Situacion-de-ninos-y-ninas.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

MITZ, Steven. **Reform, Conflict, and Security in Zaire**. 1996. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub203.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

MLCHULTES.COM. **Países que fazem parte do continente africano**. 2013 Disponível em < <http://mlchultes.blogspot.com.br/p/diversidade.html> > acessado em 09/04 /2016.

OECD. **Republica Democrática do Congo**. Disponível em: <<http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/cod/>>. Acesso em: nov. 2016.

OECD. Disponível em: <http://atlas.media.mit.edu/pt/visualize/tree_map/hs92/export/cod/chn/show/2014/>. Acesso em: nov. 2016.

OMD (Ed.). **Rapport OMD**. Kinshasa: Omd, 2015. Disponível em: <[file:///D:/Meus Documentos/Downloads/UNDP-CD-RNOMD 2015 RDC.pdf](file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/UNDP-CD-RNOMD%202015%20RDC.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2016.

PERSPECTIVE MONDE (France). **16 de maio de 1997 Reversão do presidente congolês Mobutu Sese Seko**. France: Université de Sherbrook, 2008. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1965-mobutu-d%C3%A1-golpe-e-se-torna-presidente-do-congo/a-335596>> acessado em 8/02/2016.

PRÉSIDENTIELL, Presse. **Evaluation de cinq chantiers de la République par les partenaires au développement de la RDC**. 2. ed. Kinshasa: Association Congolaise de Presse, 2008. 12 p. Disponível em< <http://www.congoplanete.com/article.jsp?id=45261531>> acessado em 20/05/2015

QUINN, Andrew. Accord de paix enfin conclu à Prétoria par les parties représentatives (revue de presse d'agences): RDC : un accord de paix a été conclu à Pretoria. **Lemonde: AFP**. France, 2012. Disponível em: <http://www.sangonet.com/Fich5ActualInterAfric/AccordPaixconcluRDC_Pretoria.html>. Acesso em: 8 mar. 2016.

RDC. **Guia de Negócios República Democrática do Congo**. Disponível em: <<https://investexportbrasil.dpr.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/GNCongoRD.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

RYSDYK, Janaina. **A política externa chinesa para África**: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria. 2010. 120f. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul de Mestre em Ciência Política. Porto Alegre. 2010.

SCHWEBER, Bill. **Unintended benefits. EDN Network**. 2004. Disponível em: <<http://www.fco.gov.uk/servlet/Front?pagename=OpenMarket/Xcelerate/ShowPage&c=Page&cid=1007029394365&a=KCountryProfile&aid=1020281605460>>. Acesso em: 12 maio 2015.

SILVA, Igor Castellano da. **Guerra e construção do estado na Rep. Democrática do Congo**: a definição militar do conflito como pré-condição para a paz. 2011. 178f. Dissertação de Mestrado de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.

TSHONDA, Par Jean Omasombo; RASHIDI, Noël Obotela. **LA 'DERNIÈRE' TRANSITION POLITIQUE EN R.D.C.** France: L'Afrique Des Grands Lacs. Annuaire 2005-2006, 2006. 27 p. Noël Obotela Rashidi. Disponível em: <<http://www.ua.ac.be/objs/00151015.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

VANDAELE, John. RDC-Chine: le contrat de coopération bilatérale qui fait peur aux concurrents jaloux ! **Digital Congo Net**, Kinshasa, v. 8, n. 5, p.6-7, 28 fev. 2008. Semanal. Disponível em: <<http://www.digitalcongo.net/article/49989>>. Acesso em: 8 maio 2016.

VIRCOULON, T. **La Chine, nouvel acteur de la reconstruction congolaise**. Disponible em: <<https://www.cairn.info/revue-afrique-contemporaine>> acessado em 12/04/20016.

YAGER, Thomas. **The Mineral Industry of Congo (Kinshasa) – 2006**. 2008. Disponível em: <<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/country/2006/myb3-2006-cg.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.